N.º 262 — 11.º ano

BRINCO DE PRINCESA

(Aguarela do rei D. Pedro V)

6-NOVEMBRO-1936

PREÇO - 5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 262 — 11.º 16-NOVEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O 18.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO

HÁ dezoito anos, o general Foch, em face do pedido de armistício que os alemãis apresentaram, sujeitando-se a tôdas as condições que lhes fôssem impostas, coroou a sua obra com esta formidável proclamação:

«*Oficiais, sargentos e soldados dos exércitos aliados: Depois de terdes resolutamente detido o inimigo, durante meses, o atacastes sem tréguas, e com energia indomável. Ganhastes a batalha mais memorável da História e salvastes a causa mais sagrada: a liberdade do Mundo. Sêde altivos! Engalanastes vossas bandeiras de uma glória imortal. A posteridade vos será reconhecida.*

O marechal de França: Comandante em Chefe dos Exércitos Aliados: F. Foch.

Naquele dia festivo, em que surgia a paz estendendo as suas asas calmas sôbre as multidões angustiadas, voltou a raiar a esperança em dias melhores. A dura lição da guerra deveria ter bastado para fazer compreender aos loucos ambiciosos que o Mundo é suficientemente grande para que todos os seus habitantes tenham o seu lugar com todos os benefícios que a vida deveria conceder. Voltava a raiar a paz, e desta vez mais sólida, mais forte e duradoira. Pelo menos, foi o que o Mundo pensou há dezoito anos.

Hoje, que voltamos a sofrer a tremenda ansiedade de 1914, chegamos a confundir o espectro da situação espanhola com o trágico acontecimento de Serajevo.

Quando, há dias, fômos em romagem junto do Monumento aos Mortos da Guerra, sentimos que alguma coisa vibrava dentro de nós. O culto pelos herois tombados no campo de honra, fortaleceu-nos mais a fé que temos nos destinos da nossa Pátria. Enquanto Portugal tiver os alicerces da sua nacionalidade no coração de todos os portugueses, viverá. Uma Pátria, que levou a civilização aos confins do Universo, tem direito ao respeito de tôdas as pátrias que do seu esfôrço beneficiaram.

RUINAS DE TOLEDO

As gravuras que ilustram esta página representam apenas alguns aspectos dos destroços causados em Toledo, e que demonstram o que é e o que pretende a fúria marxista que deseja abalar os alicerces de Espanha, o grande país de tão belas tradições

Mais ruínas, mais luto e mais dor! Os funestos estragos da fúria vandálica que passou por ali e que parecem bradar aos céus contra um crime nefando em que não acreditaríamos se não o estivéssemos contemplando

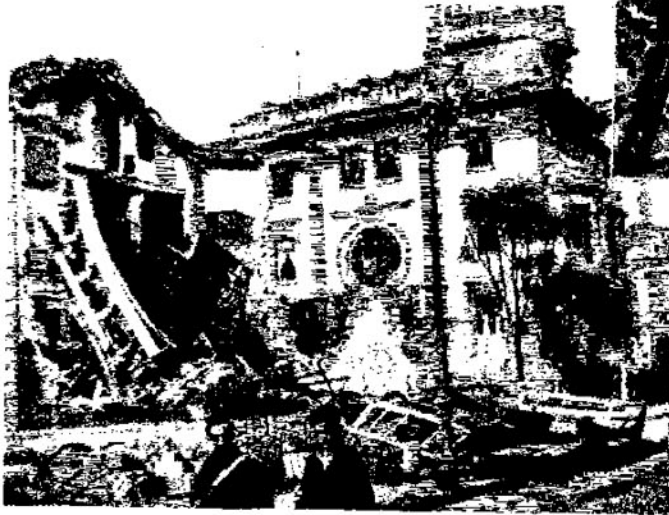
A nossa Pátria é a nossa Mãi e, por lhe querermos tanto, é que daremos sem hesitar a nossa vida por ela. Os seus monumentos são para nós tão queridos que poremos à sua frente os nossos peitos para os poupar. Se alguém se levanta a insultá-la, quanto mais a assassiná-la, devemos opôr-nos com tôda a nossa alma, a nossa energia e o nosso valor. Neste momento, temos a certeza de que a velha Espanha, que também teve a sua epopeia gloriosa e conserva ainda os seus heróis, saberá sair do apuro, e mostrar ao mundo que o seu amor patriótico não esmoreceu. E, assim, o torrão de Isabel a Católica tornará a ser aquela Pátria grandiosa e eterna

Destroços, luto, horror... Aquelas bocas escancaradas das ruinas parecem gritar justiça como almas do purgatório suplicando uma prece para a conquista da bemaventurança

Mais derrocadas ainda! Eis o que espalha a funesta ideia que tenta abolir o sagrado amor da Pátria. Reparem em tudo isto e diga quem tiver alma e coração se pode assistir a uma tal infâmia sem um protesto indignado

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

ASPECTOS DE OVIEDO

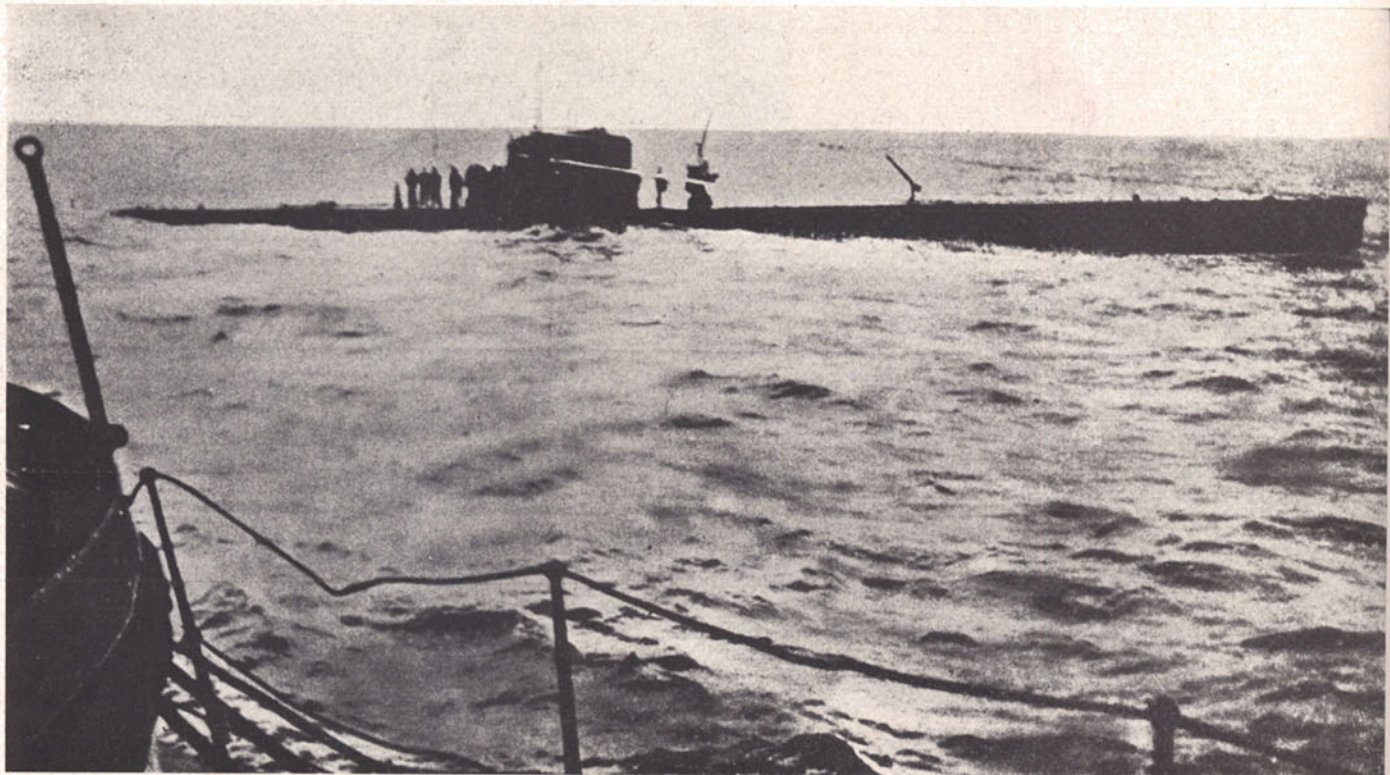
Uma vista de Madrid apresentando a parte deste numerada para melhor compreensão do leitor. Surge em frente a Gran Via (1) — Avenida do Conde de Peñalver (2) — Avenida Pi y Margall (3) — Cinema Moderno (4) — O Palácio Nacional (5) — Praça de Espanha (6) — e (7) O quartel da Montanha

O lastimoso aspecto de um edifício de Oviedo completamente destruído pelas bombas dos aviões. Sôbre essas ruínas é que há de construir-se uma Espanha nova, cheia de vida e esperança, e pronta para as mais belas realizações. É dolorosa a operação, mas assim sucede sempre nas grandes enfermidades

O general Aranda, heróico defensor de Oviedo rodeado por oficiais da sua coluna. Os rigores da guerra não lhe fizeram esmorecer os nobres sentimentos de espanhol de lei. Pode até dizer-se que para bravos desta índole, são os mais tremendos perigos que lhes enrijam a têmpera. Enquanto a Espanha tiver tais filhos não pode recear pelo seu futuro de nação civilizada

Em Oviedo, a população procurando os abrigos ante a aproximação dos aviões que costumam bombardiar a cidade. A luta, como se vê, prossegue encarniçada, mas não tardará a surgir o triunfo daqueles que não querem ver a sua querida pátria desmantelada pelo tufão moscovita, nem anarquizada por teorias tão criminosas

Soldados marroquinos atravessando Oviedo após a sua libertação que a bravura do general Aranda tornou possível. Nisto está a certeza do triunfo. Chegou a afirmar-se que Oviedo seria esmagada com todos os seus heróicos defensores, teve-se isso como certo, ante a fôrça bruta que ameaçava a cidade. Nada disso se deu porque se operou o milagre que só um acendrado patriotismo poderia realizar. Assim, podem os nacionalistas espanhóis ter confiança na sua vitória. — Em baixo, à esquerda: mulheres e crianças em Oviedo, saindo dos abrigos após um bombardiamento que durou meia hora. Ruíram alguns edifícios, mas a fé inquebrantável dos patriotas espanhóis continua a manter-se mais firme do que nunca

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O FIM DO SUBMARINO GOVERNAMENTAL "B-6"

O magnífico cliché que acima reproduzimos foi tirado de bordo do contra-torpedeiro «Velasco», momentos depois dêste barco nacionalista ter bombardeado o submarino governamental «B 6», no mar Cantábrico, ao longo do Cabo Peñas. Tendo sido descoberta a passagem do submarino pelo rebocador artilhado «Galícia», êste abriu fogo para o atraír, avisando, entretanto, pela T. S. F. o «Velasco» que andava próximo. O submarino, mal dirigido como se calcula, decidiu dar combate, mas à superfície, tomando a atitude dum couraçado! Aproximando-se o «Velasco», atingiu o «B 6» com duas granadas que lhe furavam o casco abaixo da linha de água. Era o fim! Dali a pouco nada restaria sôbre a face verde e revolta do Oceano...

Um aspecto dos derradeiros momentos do submarino «B 6», afundado pelo contra-torpedeiro «Velasco». Trinta e nove dos tripulantes do submersível nadam aflitivamente para atingir o barco nacionalista ou as baleeiras que êste arriou para salvamento. Cumpriam-se fielmente as leis da guerra, dando-se com tôda a humanidade meios de salvação aos tresloucados náufragos que poderão meditar agora, com mais tempo e ponderação, na sua louca aventura. Esta fotografia é o mais eloqüente documento dêste lance terrível que constituiu uma grande vitória para os nacionalistas espanhois que, num rasgo de patriotismo, lutam infatigavelmente pela redenção da sua querida Espanha

A FESTA DA VINDIMA

Promovida pelo Centro dos Estudos Científicos do Vinho e da Uva realizou-se a Festa da Vindima que resultou brilhantíssima. A gravura acima dá um aspecto do cortejo na Avenida da Liberdade.

A actriz Adelina Fernandes com o simbólico cesto de uvas à cabeça, que muito contribuiu para dar realce à simpática festa que é a primeira que se efectua entre nós.

Os ranchos do Termo de Lisboa, Setúbal e Colares bailando em frente do palácio do Município. As raparigas, ou ataviadas nas suas saias rodadas com barra vemelha, lenço azul mais desmaiado e botas de cordavão, ou com os seus lenços escarlates e chambre caído por fora da saia de riscas várias ao jeito saloio bailam alegremente com os rapagões de blusão de chita aos quadradinhos e barrete de borla.

A actriz Célia Mendes vestida à moda de Colares com a blusa florida, avental e botinas, conduzindo à cabeça o cesto simbólico das vindimas que são o orgulho da nossa querida Terra. Esta festa faltava em Portugal que é o País do Vinho.

Uma campa abandonada

UM CULT[O S]UBLIME

A ELOQÜÊNCIA D[O D]IA DE FINADOS

Quando a vida se encamin[ha a] confraternizar com a morte

Após o dia de Todos os Santos, o dia de Todos os Mortos! Nada mais eloqüente do que esta homenagem para demonstrar que no empedernido coração da humanidade ainda fulgura um lampejo de gratidão.

Na época própria, todos os têm os seus entes queridos na fria paz da sepultura, vão perturbar-lhes o sôno eterno com a prática do seu culto abnegado e simples.

E, então, as campas rasas e os jazigos vistosos aparecem engrinaldados de flores, dando o cemitério a impressão de um arraial festivo, embora sem gritos, nem palmas, nem foguetes.

Nesse dia — o Dia de Finados — os vivos correm a confraternizar com os mortos, aliviando assim um pouco o pêso das suas saüdades.

Está prometido por Deus que, no Dia de Juizo, todos os mortos se erguerão das campas, a dar contas dos actos praticados nêste mundo. O grande tribunal funcionará com tôda a solenidade e rigor no Vale de Josafat, não havendo apelação nem agravo para as sentenças pronunciadas. Nessa altura, todos nos encontraremos, tudo levando a crêr que sempre se arranjará um intervalozinho para matar saüdades e trocar impressões.

Tôda a gente tem isto como certo, mas não deixa de ir visitar os seus mortos queridos. Esperar pelo dia do Juizo Final seria superior à tortura da nossa saüdade...

Além d'isso, "candeia que vai adiante...".

O culto pelos mortos, sendo o mais fervoroso, o mais puro e o mais desinteressado de todos os cultos, é a mais flagrante prova do raciocínio humano.

Todos os crentes espalhados por êsse mundo, sejam cristãos ou judeus, mahometanos ou budhistas, procuram um único objectivo: a recompensa que Deus lhe reservará após a morte.

E assim se explica o velho estribilho — "quem dá aos pobres empresta a Deus" — tantas vezes aplicado, no momento próprio, a todo o sovina endinheirado que se obstina em negar uma esmola para qualquer fim pideoso.

Ora, o culto pelos mortos, não oferecendo essas vantagens e regalias, é o mais sublime de todos. Recordar quem morreu é manter no espírito a imagem de quem nos foi querido, e que, além da sepultura, ainda parece sorrir-nos como no tempo em que se arrastou por êste mundo de enganos.

Após o dia consagrado a Todos os Santos, porque não havia de ser dedicado um dia à dôce memória dos nossos defuntos?

Quem melhor do que êsses entes queridos poderá intervir por nós ante o Juiz Supremo?

No fundo, desafogamos a nossa saüdade...

Eis porque no Dia de Finados, vamos todos, sobraçando flores, engrinaldadas as campas dos entes queridos que ali repousam no impenetrável silêncio da morte.

E como é poderosa a eloqüência do silêncio dos cemitérios. Quando entramos no campo santo, a morte, que tanto nos apavora em momentos felizes, aparece-nos em atitude amiga, quási acariciante, a dar-nos confôrto, ânimo e resignação.

Ficamos compreendendo, sem terror, que tudo ali termina, e tôdas as loucas

A vida e a morte

ambições que nos impeliram através da vida em ódios ferozes e vinganças mesquinhas, não passavam de poeira que o vento espalhou com o maior desdem.

Recordamos então as significativas quadras dum poeta há muito falecido de que ninguém se lembra hoje em dia:

Feliz do que pudér, na hora derradeira,
Volvendo extremo olhar à vida que passou,
Dizer: Benvinda a paz! Liberta da poeira,
Minha alma entrego a Deus, qual Deus ma confiou!

Não deixo atraz de mim as lágrimas e o luto,
Não fui caluniador, não difamei ninguem;
Amei sempre fiel, e, da virtude o fruto
Na caridade achei fazendo sempre o bem!»

E' certo que poucos poderão balbuciar esta prece à hora da morte... No entanto, todos compreenderão que a verdade, a grande e única verdade está escrita nos frios epitáfios das sepulturas que visitamos.

Zamacois, visitando, há tempos, um cemitério de Itália, exprimiu assim a sua impressão:

"Morrer!... Eis um momento em que todos devemos pensar, não para temer a morte, mas para a esperar com uma atitude digna e frases de superioridade e beleza.

"Assim devemos proceder, quer o morrer seja, como os materialistas asseguraram uma "extinção da consciência" uma paralização da massa cerebral donde a

Flores para os mortos

luz pensante brota como o aliviado critério espiritualista nos segreda, o ressurgimento da alma, a epifânia milagrosa do "Eu" que, sem esquecer-se do que era, penetra noutra vida.

"Morrer é saber tudo, é saber porque parou o coração e se os defuntos nos ouvem quando os chamamos. Morrer é vêr o mesmo que os seus olhos vítreos vêem quando nos fitam..."

E Zemacois remata assim a sua crónica:

"Tenho já meditadas as palavras com que hei de despedir-me em tão assinalado transe. Nenhuma das "últimas frases" célebres me agradam: na de Franklin, por exemplo, há excessiva *bonhomie;* na de Goethe, demasiada angústia; na de Rabelais, demasiada ironia; nas de Mirabeau, descomedida vaidade...

"Eu — a menos que o tino se me turve, direi simplesmente: "Vamos a vêr como é isso!..." São umas palavras traqüilas, nem alegres nem graves, palavras elegantes de auto-inspecção, de curiosidade e de turismo, palavras de um homem para quem tôda a viagem tem encanto..."

Deixemos o ilustre escritor espanhol com a sua ironia, e vamos visitar os cemitérios de Lisboa, neste inolvidável Dia de Finados.

Durante o trajecto, quantas actividades procurando viver da morte! Quanta gente ocupada em flores para enfeitar sepulturas!

No recanto duma rua observamos uma vendedeira que despejara, em curto praso, os cabazes que trouxera cheio de flores! Como uma senhora dasejasse comprar-lhe um grande ramo de crisântemos que restava, e parecia posto de lado, a vendedeira, negou-se a vendê-lo, explicando: — "Essas flores estão reservadas, minha senhora. São para a campa da minha filha!"

Entremos no cemitério. Se não fôsse o silêncio pesado e triste que ali reinava, dir-se-ia que estávamos num vasto e grandioso arraial. Tôdas as sepulturas pareciam sorrir, engrinaldadas por mãos piedosas.

Isto é, tôdas não. Num recanto, fômos encontrar uma campa completamente abandonada, tendo apenas a marcar-lhe o sítio uma mísera tabuleta com esta designação: *987-1933.* Nada mais! Esse desventurado, que na morte recebera um número, repousa ali há três anos sem que um parente, um amigo, alguém, em suma, de bons sentimentos o vá visitar para lhe patentear a sua amizade e a sua gratidão!

E daí — quem sabe? — pode ser que êsse misterioso 987 tivesse espalhado benefícios prodigamente enquanto andou por êste vale de lágrimas e ingratidões!

Se fôsse possível profundar na alma de cada um o que ali se passa, e arrancar cá para fóra o que cada um pensa, que de coisas espantosas surgiriam à luz do sol!

Os parentes ou amigos de qualquer pobre morto abandonado explicariam talvez dêste modo o seu desleixo: "Pois se levamos anos e anos à espera que êle morresse e com tal ânsia que até lhe abreviamos o fim à fôrça de desgostos sôbre desgostos, ainda havíamos de ir carpir em cima da sua sepultura?! Era o que faltava! Não que êle não deixou com que pagar lágrimas por poucas que fôssem!"

Se pudessemos sondar as almas e obrigá-las a revelar francamente o que sentem, havia de aparecer isto e muito mais...

Uma campa florida

Assim se justifica a afirmação dum velho que conhecemos em Guimarães e que nos dizia freqüentemente:

— De fazer mal nunca me arrependi, mas de fazer bem tenho-me arrependido sempre.

Felizmente, êstes exemplos são tão poucos que quási não vale a pena falar nêles.

A multidão compacta que observamos, espalhando flores sôbre a última jazida dos seus mortos, supre bem um ou outro ingrato que se esqueceu de ser agradecido ao menos uma vez por ano.

Encontramos mãis compondo a sepultura dos filhos com um tal carinho que nos dava a impressão de lhes estarem aconchegando o berço.

Dia de Finados!

Como é dôce evocar os nossos mortos, e dedicar-lhes um dia de consagração no *Flos Sanctorum* da nossa saüdade!

A prece da saüdade

No arraial da mort[e]

A LUTA PELA VIDA

A propósito do nosso último artigo sôbre os mercados e a porfiada luta travada entre quem compra e quem vende, recebemos uma carta, dando-nos tôda a razão. Salienta a "dona da casa„ que a subscreve que, ao contrário da maior parte das suas colegas, é das que vai à praça, a fim de não ser intrujada pelas intermediárias.

E remata assim a sua missiva:

«A boa dona de casa não confia seja a quem for as suas compras. Logo de manhã dirige-se á praça, e procura orientar-se.

Vai percorrendo os lugares com uma paciência beneditina, e, ao cabo de sete ou dez voltas no extenso mercado, acaba por conseguir obter o que desejava sem desequilibrar o seu orçamento.

E é vêr a satisfação com que declara ter poupado um tostão no quilo de ervilhas ou cinco centavos na dúzia de peras.

Se adrega parar em frente das bancadas, do peixe, é curioso observar as diferentes maneiras de classificar o que está exposto.

— O' minha senhora, — diz a peixeira — olhe que ricos carapaus êstes! Até parecem cavalas!

— Ora, — responde a senhora — costumo comprá-los maiores para o meu gato...

E segue a apreçar, a fim de tomar o pulso às vendeiras. E' certo que aqueles carapaus estavam na conta, e não eram muito caros. Mas quem lhe diz que, mais adiante, não encontrará melhores ainda e por metade do preço? Se não encontrar, não há nada perdido, a não ser o tempo. Volta atrás, e faz o negócio.

Se a ânsia da vendedeira é conseguir impingir o seu peixe pelo mais alto preço, a tática de quem sabe comprar, é dar o menos possível.

Esta luta repete-se todos os dias, e sempre com a mesma intensidade.

— Ó freguesa, hoje não leva nada?

— Não que você ontem impingiu-me dois ovos pôdres na dúzia que me vendeu.

— Parece impossível! Pois eram fresquinhos, acabados de pôr... Essa lhe afianço eu... Assim Deus me salve! Olhe para estes...

— Não, não. Prefiro comprá-los na mercearia lá da rua.

— Ora francamente... Como se os ovos do merceeiro fôssem melhores do que os meus!

Mais além, é uma vendedeira de criação que pretende fazer negócio.

— Tenho aqui um pato reservado para a senhora. Está gôrdo que é um amor!

Pelos modos, a colareja entende que o travêsso Cupido tem as proporções do saudoso Chico Redondo!

— Não lhe compro mais patos — responde a senhora — aquele que lhe comprei ante-ontem sabia a peixe. O bicho foi engordado a sardinhas... Até no prato cheirava a peixum que tresandava.

E' esta a via-sacra de quem se préza saber governar um lar.

É certo que, por vezes, o marido torce o nariz a tudo, alegando que se tivesse ido à praça, faria melhor figura...

Pobres imbecis! Que pena não levarem por diante a sua basófia! Se, um dia, tentassem efectuar esta experiência, cairiam no mais desastrado fiasco. Nestas batalhas do "compra e vende,„ travadas no coração turbulento dos mercados, só as boas donas de casa conseguem fazer prevalecer o seu alto valor estratégico.

Os homens — pobres dêles! — não fôram fadados para tão complicadas missões. Os próprios homens de negócio, que fazem e desfazem fortunas num minuto, correriam o risco de ser intrujados pela mais boçal das colarejas da Ribeira-Nova„, ou de qualquer outro mercado.

AS ETERNAS INSATISFEITAS

ACREDITA-SE sinceramente na velha lenda que nos segreda haver no mundo mulheres vaidosas da sua beleza, quando, no fim de contas, tudo isso não passa duma falsidade.

E' certo que a mulher arrebica-se para agradar, procura o possível e até o impossível para parecer bem, para atraír, para encantar. Através dos variadíssimos concursos de beleza que têm havido no mundo desde os tempos fabulosos, o júri viu-se em sérios embaraços para decidir ao agrado de todos.

Páris, escolhido por Jupiter para liquidar o pleito entre Vénus, Juno e Minerva, teve que entregar o prémio a uma delas, sem ter explicado nunca, com a clareza necessária, a razão da sua escôlha.

As más línguas afirmaram que o atrapalhado Páris se deixara subornar, visto que Juno lhe oferecera a opulência, Minerva a sabedoria, e Vénus a mulher mais linda. Acrescentaram ainda que, não sendo êste magistrado inclinado a grandes ambições nem a profundar sapiências, se contentara com o que o seu humano coração aspirava. E daí o entregar o pômo aureo à tentadora Vénus.

Talvez a calúnia, como tantas que para aí correm impunemente.

O que é certo é que Vénus, apesar de ter sido proclamada a deusa da beleza, nem por isso deixou de ter ciúmes da pobre Psiqué que o travêsso Cupido elegera pela sua formosura.

Mas, descendo até os tempos que vão correndo, as mulheres consideradas formosas entre as formosas, embora ostentem o seu aprumo majestoso, não estão ainda satisfeitas com os dons que a Natureza lhes prodigalizou.

Por sua vez, as feias lamentam-se a seu modo, dando sempre a impressão de possuír maior inteligência.

A grande poetisa Marta de Mesquita da Câmara define assim esta mágoa imensa no fecho magistral dum soneto:

Ninguém gosta de mim, nem tu sequer,
Pois quem pensa no mal duma mulher
Que desconhece a glória de ser bela?...

Não gostas não, sou feia — tens razão...
Se Deus, que é Deus, não teve compaixão,
Os homens, que são homens, hão de tê-la?...

Outra poetisa, Maria Amélia Teixeira, faz derivar o triste facto para outro ponto, onde, engrinaldado de glicínias morais, parecesse mais aceitável. Diz então:

Que feia! — diz-se ao vêr qualquer pessoa
que não revele em si graça que enleia,
e a nossa alma quási se magoa
se reconhece que a aparência é feia...

De quem é feio nada se receia,
a quem é feio nada se perdoa...
Por ter beleza tôda a gente anseia,
A mulher bela é logo «meiga e bôa»...

Mas ser feio não é não ter feições
puras, celestes como as ilusões:
é ter um ar banal, indiferente...

É não vibrar com o mal nem com o bem...
Ser feio é não ter tido nunca alguém
Que gostasse de nós profundamente.

Ora, a nossa poetisa não deixa de ter uma certa razão.

Temos reparado também que as mulheres feias evitam o mais possível a fotografia, receando talvez a divulgação do seu rosto que desejariam ocultar num veu espesso, à semelhança das turcas antes de Kemal Pachá.

Vem a propósito citar o exemplo da ilustre escritora Guiomar Torrezão que, sendo dum ânimo varonil, nunca se considerou formosa nem coisa que se parecesse. Daí o ter horror a oferecer o seu retrato, preferindo que lhe lêssem as produções literárias.

Evitava, portanto, dar fotografias suas fôsse a quem fôsse não obstante carecer de publicidade para os seus livros.

A alguém que muito a assediava com o pedido dum retrato autografado, para enriquecer um album que possuía, a Guiomar, após muitas e inúteis esquivas, fez-lhe a vontade. No retrato enviado, em que (seja dito em abôno da verdade) não aparece nada feia apesar dos seus 44 anos de idade, escreveu: "A fotografia é a arte filha de um raio e de um veneno, do consórcio dos quais nasce, não raro, uma decepção! — G. Torrezão„.

E hoje?

Embora surjam, dia a dia, institutos de beleza por tôda a parte, atraíndo as damas com mil promessas tentadoras, a formosura feminina pouco ou nada adiantou.

Guiomar Torrezão

Verifica-se que os modelos de Fídias, não possuindo êsses transformadores movidos a electricidade, tinham formas mais perfeitas que as de hoje em dia.

Segundo a moda actual, as mulheres de hoje sofrem tormentos a depilar as sobrancelhas que depois fingem, a traços de nanquim, tão oblíquos como a sua fantasia. Para simular olheiras, usam uma espécie de esfuminho que, à primeira vista, podem iludir qualquer observador incauto. Neste ponto eram mais sinceras as nossas avós que, nos saüdosos tempos da Dama das Camélias, ingeriam vinagre para ostentar um aspecto doentio. Ao menos, era a valer...

No entanto, nunca apareceu no mundo uma mulher que, sem desprimor para a sua natural vaidade, se considerasse a máxima perfeição no que diz respeito a beleza.

Se fôsse possível conceder á mulher mais formosa o privilégio de transformar-se a seu bel-prazer, mudando a côr dos olhos, o talhe do nariz, o corte dos lábios, a configuração do pé, a elevação do seio, o diâmetro da cintura, veriam que, a breve trecho, nos surgiria um monstrozinho apavorante capaz de afugentar um selvagem do Bailundo...

O piór é o invento da tal cirurgia de correcção de formas que executa fielmente todos os caprichos femininos, por mais extravagantes que êles sejam. Por êste andar, não tardará que as mulheres sejam completamente diferentes da mãe Eva.

LEMBRANÇAS DE SAUDADE

D. PEDRO V — AGUARELISTA

A dôr profunda que lhe fêz pôr de parte os seus pinceis

Desenho de D. Pedro V

D. Pedro 28 May 1846

A evocação da fugidia passagem de D. Pedro V por êste mundo é sempre coroada de benções, mesmo por aqueles que não tiveram a felicidade de conhecer pessoalmente tão saudoso rei. Em face duma lenda criada em volta da sua grande bondade, a maior parte dos portugueses limitam-se a aludir à abnegação que o soberano manifestara por ocasião da terrível epidemia da *cholera-morbus*, e pouco mais.

Chega até a supôr-se que D. Pedro V, tendo reinado apenas durante seis anos, não poderia patentear em tão curto espaço de tempo as suas faculdades intelectuais.

E daí — quem sabe? — poderia surgir uma grande desilusão se tivesse vivido mais algum tempo. Talvez lhe sucedesse o mesmo que ao seu irmão D. Luiz que, apesar de bondoso em extremo, tão flagelado foi pelas paixões políticas e pela sanha feroz dos mais formidáveis panfletários.

Durante setenta e quatro meses de reinado, que poderia fazer um jovem inexperiente empolgado pela morte, na flor dos vinte e quatro anos de idade?

Eis o que se pensa e o que se diz claramente, a cada passo, embora sem a pretensão de apoucar o perfil simpático do malogrado soberano que, à semelhança duma amendoeira em flor, foi derribado pela ventania da morte, não chegando, por isso, a mostrar a excelência dos seus frutos.

Isto se pensa, mas não é bem assim!

O curto reinado de D. Pedro V chegou abundantemente para provar que êsse mancebo tinha a experiência dum velho e a cultura bem arrumada dum sábio.

Sabemos que foi instruído até à idade de nove anos sob a direcção do conselheiro Dietz, passando depois a ter como guias as mais altas mentalidades do seu tempo. Logo se verificou que o príncipe madrugara em inteligência. A breve trecho, traduzia com facilidade o latim e o grego, deslumbrando os seus mestres com a versão cuidada de lugares selectos de Cicero, Tito Livio, Xenofonte, Euripedes e até Homero. Notava-se-lhe ainda uma grande tendência para a História e para a Filosofia.

As lições de desenho e pintura que recebeu do grande pintor António Manuel da Fonseca revelaram-no um artista de merecimento. Segundo um crítico ilustre e imparcial, "D. Pedro V desenhava com gôsto e facilidade, possuindo o dom especial de caracterizar uma pessoa, ao primeiro repente, com três ou quatro traços, ficando do seu lápis muitas caricaturas notáveis pela graça, pela rapidez e pela firmeza do traço».

E na aguarela?

Graças à amabilidade extrema do dr. Lopes d'Oliveira que se tem dignado honrar as páginas da *Ilustração* com algumas das suas sempre interessantes e sugestivas produções literárias, vieram parar-nos às mãos quatro albuns aguarelados por D. Pedro V. Por estes preciosos documentos podem ser avaliados os constantes progressos que o filho de D. Maria II ia alcançando, dia a dia. Nessas fôlhas de cartão destinadas à pintura de flores com a sua designação botânica, existem também alguns desenhos a lápis, caricaturando o almirante Parker e outros que reproduzimos igualmente. Nesta altura, D. Pedro V tinha apenas sete anos de idade... Que mais poderia desejar-se duma criança?

Nota-se no primeiro album que o príncipe, seguindo as indicações do mestre, se limitava a copiar o "Ornamental-Annuals, by Mrs. London», então em voga. Depois, dando largas ao seu engenho, reproduzia as flores do natural, como alguns amores perfeitos ainda colados nas páginas parecem indicar. Por fim, aparecem já aguarelas perfeitas, revelando a alta competência e o bom gôsto do seu autor que ora assinava, a lápis, com as iniciais *P Q* ou simplesmente *P*.

Caravelas, — desenho de D. Pedro V

Conta o dr. Lopes d'Oliveira que, há cêrca de dezoito anos, comprara num estabelecimento de bricabraque, junto do Arco de S. Bento, uma colecção de conchas orientais, e que o dono da loja lhe oferecera, por bom preço, uns livros de estampas e outros objectos que tinham pertencido a D. Pedro V.

Não tendo tempo nem paciência para analizar o que lhe era oferecido, o dr. Lopes d'Oliveira saíu com as suas conchas, prometendo voltar logo que lhe fôsse possível.

Com efeito, dias depois, voltou para examinar as tais preciosidades, sabendo então que três albuns representando animais, e todos da autoria de D. Pedro V, haviam sido vendidos pouco antes. Restavam quatro albuns com aguarelas, representando flores. O dr. Lopes d'Oliveira examinou-os demoradamente, e, em face dos indícios que encontrou, convenceu-se de que, na verdade, as aguarelas eram obra de D. Pedro.

Por seu turno, solicitamente, o bricabraquista, ao apresentar a fazenda, dava indicações acêrca da sua procedência. Disse que êsses albuns, e todos os outros objectos de que falara, os tinha comprado à viúva de D. Pedro Heinault, afilhado de D. Pedro V. E, como prova do que afirmava, exibia dois volumes da obra "Le Buffon Classique de la Jeunesse» (1837) com a seguinte dedicatória: "D. Pedro dá ao seu afilhado êste livro com estampas em lembrança do dia 19 de Outubro de 1845».

Verificou ainda o dr. Lopes d'Oliveira que a referida senhora era, de facto, viúva dum afilhado de D. Pedro V, e que, por extrema necessidade, fôra forçada a desfazer-se de tudo o que possuía.

De resto, ninguém poderia duvidar dos merecimentos artísticos do malogrado rei. A propria D. Estefânia, nas cartas que freqüentemente enviava a sua mãi, dando-lhe parte de tudo o que se passava na côrte portuguesa, enaltecia o talento de seu esposo. Dizia ela que "dans le chambre de Pedro il y a un canapé devant une table ronde, c'est là que nous passons la plus grande partie de la journée à lire, à causer ensemble; il dessine aussi quelque fois, il joue même du piano, il a du talent pour tout».

Através dos numerosos escritos que deixou, D. Pedro V manifesta, por vezes, as finas qualidades dum crítico de arte que, em frente dum quadro, não só sabia apreciar a beleza do conjunto, como apontar os defeitos que por acaso encontrasse, com a indulgência dum conhecedor profundo.

Pode dizer-se que D. Pedro V não teve mocidade. Segundo o testemunho do seu professor de latim, Francisco António Martins Bastos, o príncipe preferia a conversa fria, mas reflectida, dos velhos fidalgos que o cercavam, aos folguedos dos jovens da sua idade. Quando o professor, alarmado com esta sisudez precoce, o aconselhava a divertir-se, D. Pedro respondia:

— "Que proveito ou que instrução posso eu tirar das conversas com rapazes?»

E' ainda o professor Martins Bastos que nos revela êste singular episódio:

"Em 1847, como estranhasse a excessiva melancolia do príncipe, preguntei-lhe o que o afligia. Então Êle, com a maior ingenuidade, explicou-se dêste modo:

" — Sonhei esta noite que uma águia me levantava às nuvens e, içando-me a grande altura, me deixava cair. Em meu lugar levantava o meu irmão Luiz... Foi um terrivel pesadelo! Ainda me parece sentir a quéda!»

O pesadelo desta criança de dez anos poderia ser tomado como uma profecia!

Embora professando a religião católica, D. Pedro era um espírito tão tolerante que, na sua visita a Bruxelas, em 1854, escreveu esta nota no seu diário de viagem:

"O atelier de Mr. Fraikin merecia ser visto, porém não quizeram os do Paço, por êle ser protestante! E' levar muito longe o fanatismo!»

Mais interessante ainda é a página do seu diário de viagem à Holanda, e que prova eloqüentemente o seu poder de observação, a sua vasta cultura e a firmeza do seu bom senso:

"No recinto do jardim (zoológico) há um pequeno museu disposto em lindas salas. Distingue-se ali uma bela colecção conchiológica que eu, contudo, não queria receber em troca da minha.

"O Jardim Botânico é muito próximo do Jardim Zoológico. Admira-se nêle a colecção de palmeiras que, na família das cicádias, quasi que excede a de Kew. Tem magníficos exemplares perfeitamente viçosos e bem tratados. Não descreverei minuciosamente o que ali vi, porque isso me faria gastar papel inutilmente. Esta consideração não a fiz por avareza. Nas estufas notei muitos vegetais interessantes e raros, recentemente chegados de Java e que por isso ainda não chegaram ao desenvolvimento preciso para se conhecer bem o seu posto. Notei entre êles algumas licopodíneas interessantes, e a famosa árvore do veneno que não sei se é imprudência ali estar. Empreguei meia hora em vêr o Jardim Botânico.

Admiral Parker

Três expressões do almirante Parker

D. Pedro dá ao seu afilhado este livro com estampas em lembrança do dia 19 de 8bro de 1845

Dom Pedro.

A enternecida dedicatória

Outro desenho de D. Pedro V

"Passamos dos domínios da ciência a fazer uma visita de uma natureza inteiramente diferente, à Sinagoga portuguesa. Embora uma religião muito diferente nos separe, reune-nos uma origem comum, e no século XIX peza-nos dos erros cometidos no século XVI. Aquelas obstinadas vítimas da intolerância de uma época foram demandar outra terra, privando o nosso país dos recursos que possuíam aqueles que, no tempo da ignorância, eram depositários das riquezas e das ciências.

"Agradou muito aos nossos compatriotas israelitas a visita que lhes fiz, e vê-se que conservam uma certa afeição a Portugal. Falam o português, e têm-se mantido em colónias no meio da Holanda. Mostraram-nos a Sinagoga, os livros da lei e os vasos sagrados. Emfim, foi uma visita que não deu incómodo, e que não produziu mal.

"Se vivesse no nosso tempo, D. Manuel talvez não faria o que fez. As épocas e as circunstâncias desculpam certos erros, e não se devem vêr, com as opiniões bebidas nos escritos dos espíritos fortes da revolução francesa, os actos cometidos no tempo da Inquisição.»

Era assim o rei D. Pedro V.

Por ocasião do seu casamento, ilustrou uma das páginas do seu album com a formosa aguarela que reproduzimos na capa desta revista. Numa tão encantadora singeleza ia tôda a sua ternura pelo anjo que lhe trouxeram das regiões de Sigmaringen. Um brinco de princesa!

Já pela analogia do nome, já pela sua frescura perfumada, aquela florinha humilde ficaria tão bem no regaço duma santa como nas mãos diáfanas duma princesa idealizada pelo mais desventurado rei que Portugal ainda teve.

Ao contrário do que tantas vezes sucede, desta vez a razão do Estado foi absorvida inteiramente por um tão sincinero amor, que logo se tornou em paixão.

Quando teve a desgraça de perder a querida companheira, D. Pedro decidiu pôr de parte os seus pinceis. E, assim, entregando os albuns ao seu afilhado Pedro Heinault, disse-lhe com as lágrimas nos olhos: — "Leva isto como recordação. Nestas páginas inocentes estão marcados alguns momentos felizes da minha vida desgraçada!»

Morria daí a meses...

Gomes Monteiro

ILUSTRAÇÃO

MANIFESTAÇÃO PATRIÓTICA

Se em qualquer parte do Mundo, (não nos interessa qual, visto que em tôdas estivemos antes que os actuais países lá chegassem) se afirmasse que em Portugal não havia portugueses, responder-lhe-íamos com a grandiosa manifestação patriótica realizada há dias nas ruas da capital.

O povo lisboeta foi ao Terreiro do Paço afirmar o seu caloroso aplauso à atitude assumida pelo Govêrno perante a situação internacional criada pelos acontecimentos de Espanha. Tendo o Presidente do Conselho preguntado aos manifestantes se podia contar com a sua dedicação, com o seu sacrifício e com a sua vida para defeza de Portugal e da Civilização, todos lhe responderam em tom uníssono: — "Sim!„ Nesta tão lacónica quão expressiva resposta vibrava a Alma Portuguesa.

As nossas gravuras representam: um aspecto da grandiosa manifestação no Terreiro do Paço, e, em cima: um curioso aspecto da estátua de D. José.

JÚLIO CÉSAR MACHADO

ARVORADO EM POETA ROMÂNTICO

Júlio César Machado e seu filho

JÚLIO CÉSAR MACHADO foi sempre uma contradição de si próprio. As páginas esfusiantes de graça que nos deixou foram arrancadas muitas vezes por entre lágrimas.

Começou os seus estudos aos tombos, até que foi parar ao Colégio Militar, instalado nessa época, no edifício de Rilhafoles. Aí teve a desgraça de encontrar um professor de latim que entendia ser indispensável o uso da palmatória para a desejada aplicação dos alunos. Um dia, Júlio César Machado, após uma bem servida dose de palmatoadas, deitou a fugir pelos corredores do colégio até encontrar uma porta salvadora. Quando chegou a casa, a deitar os bofes pela bôca fóra, e mostrou ao pai as mãos inchadas gotejando sangue, conseguiu livrar-se de tão bárbaro professor. Passou a freqüentar o liceu, e em meio dos seus estudos de latim e de filosofia, começou a escrever um romance. E assim ingressou nas letras, apesar da sua pouca idade.

Nisto, morreu-lhe o pai, deixando a família em tão precárias circunstâncias que o pobre Júlio teve de abandonar os estudos e desistir da carreira de medicina que, havia muito, idealizara. Lembrou-se então de tentar vida pelas letras que sempre renderiam mais que as letras protestadas que seu pai lhe deixara.

Teve, como todos, a sua mocidade, e suspirou aquelas endechas amorosas de que as nossas avós tanto gostavam, soluçadas ao piano, na toada dolente do *Noivado do Sepulcro*.

Do seu talento fulgurante saía tudo o que êle queria, menos versos bem feitos. Para isso é que Deus não o fadára. Isso não obstou a que o bom Júlio se entretivesse, por vezes, a cultivar as musas, chegando a enviar acrósticos traçados com boa letra em cartões perfumados às damas dos seus sonhos.

Naquelas idades, qualquer jóvem pode despertar uma paixão, julgando-se cada mancebo no legítimo direito de amar tôdas quantas apareçam. Júlio Cesar Machado também foi assim. E, para não ficar atraz dos seus competidores, abalançava-se, a fazer versos com muitos pontos de exclamação, muita choradeira e muitos ais a entremear aquele chavascal de linhas rimadas. Inspiração não havia, mas, emfim, sempre se atingia o objectivo, que era o principal.

Já lá vão setenta anos bem puxados...

Para se avaliar da tendência romântica do glorioso folhetinista, vamos tornar pública uma sua produção poética escrita em boa caligrafia num album que o ilustre epigrafista sr. J. M. Cordeiro de Sousa teve a amabilidade de nos confiar. Entre versos de Latino Coelho, Andrade Corvo, Francisco Palha, Bulhão Pato e outros escritores, aparecem os de Júlio César Machado, então na pujança dos seus vinte e cinco anos.

Os versos são maus, mesmo muito maus. Além dos erros de métrica que nos ferem desagradàvelmente o ouvido, surge aquele deslise ortográfico das *longícuas* que lhe teria rendido uma boa dúzia de palmatoadas, se êle ainda estivesse sob as vistas do feroz e terrível professor.

E, devemos concordar, que não eram mal aplicadas.

Um dia, quando entrou na vida a sério e constituiu o seu lar, apareceu-lhe um filho que lhe havia de causar a morte. Provou-se então que Júlio Cesar Machado era tão mau poeta como péssimo educador — e tudo por ser excessivamente bondoso.

Mas vamos aos famosos versos que temos aqui na frente:

O BAILE

Teimaste! ao baile, esta noute,
Tu irás, mas já sem mim!
E se entre as dansas ruidosas
As saudades dolorosas
Minha imagem te lembrarem,
Chora, pensa e dize assim:

Nunca mais! quebrei o encanto
Do que n'este mundo havia
De maior e de mais santo!
Desfolhei de flor em flor
A corôa que elle formara
Das galas do nosso amor!
Ai! adeus! que amor aquelle!
Que d'illusões e de ciumes!
E ainda, ao clarão dos lumes
D'esse phrenetico affecto,
Se abraza o pensar inquieto
De remorsos e queixumes!
....

Vejo-o nas sombras longícuas
De um sonhar vago e incerto...
E, quanto mais longe o julgo,
Mais d'elle me sinto perto!
Vejo-o nas agoas dormentes
Ainda a fallar-me d'amor:
E nas vagas doudejantes
Entregue á raiva e á dor!
....

Depois nas noutes formosas,
Noutes d'amor e de rosas,
Se fixo a vista no espaço
Cuido em luminoso traço
Soletrar o nome d'elle!
Depois, se a tormenta surge
E algum raio ao longe cae,
Na chamma cuido que vae
O resto do seu amor!
....

Depois nas horas solemnes
Que ás vezes cortam a vida
Quando uma esperança querida
Se desfolha e a leva o vento...
Ou nosso irmão se auzenta
E a saudade nos rebenta
Na alma, de noute e dia!
Vejo morta, extincta, fria,
Aquella fronte que outr'ora
Era a rival scintilante
Do sol, da luz, da alegria!...

Lx.ª, 26 de Abril de 1860.

Julio Cesar Machado.

Aí ficam os versos, a título de curiosidade. Se os tivéssemos apresentado sem assinatura, ninguém seria capaz de acertar com o seu autor. Quem lhe acertaria com as mãos, se tivesse lido esta poesia, era com tôda a certeza o tal furibundo professor das palmatoadas.

Contemplando a paisagem

5 de Março. — A casa onde estamos aposentados — o Cortez e eu — fica na Chã Rodrigues, do outro lado da ribeira, quási em frente da Casa Grande. Depois do primeiro almôço (às 7 1/2), que aqui nos vem servir Eugénia, resolvo dar uma volta maior pelos arredores... Mas o terrível sol dos trópicos?

Tenho-me prevenido talvez em demasia contra a calma; verifico, porém, que a temperatura é a do comêço da primavera em Lisboa, ou, melhor, é a dos deliciosos outonos da Costa do Sol... Dizem-me que até Maio a temperatura não sobe além de 27º e não desce de 17º: se assim é, S. Tiago não terá nada que invejar à Madeira o seu clima de inverno, de reputação universal. Sòmente tem que extinguir, de todo em todo, os mosquitos, que são a ameaça perturbante da malária.

E confesso que já ontem sofri a investida dos antipáticos portadores da mortífera doença microbiana, que na Praia dizem só conhecer por tradição...

O nosso anfitrião Abilio de Macêdo assumiu a direcção da cosinha e da copa. E com Cortez dos Santos, um entendido, organisa os *menus*. Eis os de hoje:

— *Almôço* — Galinha guisada com mandioca — Arroz de manteiga — Feijão verde com carne assada — Cherém — Ovos mexidos — Frutas — Chá e café — Vinhos: tinto e branco.

Jantar — Canja — Galinha com arroz — Cachupa com carne salgada — Feijão guisado — Crèmes — Frutas — Chá e café — Vinhos: tinto, branco e Pôrto.

Não é mau hotel êste *Flameng's Hotel!*

Depois do almoço, vamos, com M.elle Dinorah e as serviçais Antónia e Eugénia, colher primícias ao Jardim. É uma horta, pegada à ribeira, que aqui leva alguma água, muito límpida: várias qualidades de feijão (nem falta o feijão de atrepa) batata, nabo, couve, cebola, alho, bredos, beldroegas, alface, chicória, abóbora xila...

Seguimos, depois, ao trapiche. A distilação de aguardente faz-se em dois alambiques. As fornalhas são alimentadas com bagaço (resíduos, palha de cana). O trapiche é do sistema de três cilindros, duas fêmeas e um macho, que está prêso ao almanjar, e a que se liga a canga dos bois. A máquina faz o esmagamento, extraindo a calda, que cai na pia ou parol. Sentados, dois homens metem as canas; perto, de pé, outro vai-as decepando com o cutelo; ainda outro acompanha os bois.

Em grandes caldeiras, ao calor esbraseante das fornalhas, a calda coze e apura até ficar em pedra. Vai-se escumando, e tira-se: 1.º o cachaço (que se aproveita para fabrico de aguardente); 2.º o mel de nectar; 3.º, e por fim, o açúcar.

Da Fazenda chegam burrinhos, carregados de cana — um molho de cada lado.

Junto à arribana, um dos pretinhos condutores, que trouxe também côcos na sua carga, põe-se a partir alguns, ainda em verde. Provamos a água de côco: é agradável, fresca, aromática.

Lembro-me dos macacos de Nora, e interrogo o meu estudantinho Domingos Varela, que se tornou um dos meus mais prestantes amigos...

Nesta região de Flamengos ha macacos — chama-se-lhe *sanchos* — na Ribeira, em Monte Domingos e em Monte Bode. Podem visitar-se, porque os pontos onde vivem não são inacessíveis.

Se os atacam, e estão em bando, cercam os atacantes, mordendo-os, e matam os cães: então só se vencerão a tiro.

Como são agarrados? Fura-se um côco, fixa-se num poste, e põe-se dentro qualquer coisa comestível. O macaco mete a mão, agarra, e não larga mais; puxa, puxa, não abre a mão, e é fàcilmente aprisionado.

Vivem em sitio certo, num ponto alto, em furnas ou gretões. Ai dormem sempre, não saindo de noite.

— De manhã descem à roubação... — diz Mano, que não gosta de macacos.

Como arrancam a mandioca nas plantações? Enrolam o rabo ao pé da mandioca, e arrancam num sacão. E enquanto dura a lida roubadora, fica um macaco experimentado de vigia.

Trazem os filhinhos às costas: quando atacados, mostram-nos, pondo-os à frente, para inspirar piedade. Se algum deles se ausenta do seu sitio, ou, se captivo pelo homem, foge e volta para o bando, é por êste repelido; e, se insiste em ficar, é morto.

A bordo dos veleiros aproveitam os macacos de Cabo Verde para a previsão do tempo: se trepam pelos mastros, fazendo certo alarido, é sinal de tempestade...

O autor da reportagem (em pé, à direita) com os seus companheiros de digressão em Cabo Verde

NA VASTIDÃO ATLÂNTICA

Em plena ilha de S. Tiago de Cabo Verde

De Flamengos ao pôrto de Calheta e Venécia

Debaixo duma pedra aparece um *cempen*. E' uma grande centopeia: a sua mordedura dói 24 horas. José Soldado diz que, se a cortam ao meio, as duas partes separadas procuram-se, tornam-se a ligar — e a *cempen* vive!

Ao lado da nossa casa fica uma capelinha velha, talvez do século XVII, que cai em ruínas. Do seu adrosinho lanço a vista em tôrno. É aqui bem pobre a vegetação: pinhas, caniços, uma ou outra bananeira e uma figueira brava, cobrindo um tanque com a sua grande ramaria. É do lado de lá que se desprende a onda de verdura das culturas, circundadas por vastas linhas do coqueiral. Sôbre o leito da ribeira encontro numa acácia Martins, que floresce, um enxame de abelhas — abelhas pequenas, tôdas de negro com cintilações de oiro fosco.

Subo o primeiro contraforte do Monte João Vidal. É uma colina fragosa, em cujos valagões se sente um sussurro cavo de águas fundas, com pinceladas verdes de sizal e carrapateiro. Aqui e além, nos gretões amanhados, a bananeira solta o seu velame.

Encontro um velho preto que apanha lenha, e, guiado por êle, ponho-me a colher plantas, a herborisar. Deambulamos algumas horas pelas vertentes de João Vidal.

O manto esmeraldino que se alastra para oeste consola a vista da angústia dos cêrros.

O velho tem oitenta anos; é ainda do tempo da escravidão: conta-me a sua triste vida.

E diz-me que já sabia, há mais de um mês, que tinham chegado à Praia *homens grandes de Portugal*...

Parece ironia? Mas não pode sê-lo na voz sincera e grave dêste octogenário: mais tarde soube que o povo ingénuo de Cabo Verde trata de *homens grandes* a todos aqueles que tomaram maior ou menor parte no govêrno da Nação...

Oiço o Mar... Sinto o Mar... Desde que estou aqui, o Mar me chama.

Mando alugar um burrico que me leve a Calhêta. E, como tenho de disfarçar esta saüdade romântica do Oceano, escondendo o motivo verdadeiro da abalada, para que se não riam de mim (acobarda-se de parecer poeta um político, em presença destes antigos presidentes de conselho e ministros da Fazenda e da Guerra!...) recomendo: — E tragam-me alguma coisa em que venha o peixe.

E' o meu visinho Joãosinho quem traz o burro e o balaio. Tem uns doze anos Joãosinho, e vai em fralda. Singular pagem dum *homem grande de Portugal!*

Não sabe a criança falar português. E, por mais que o sacuda, não se desagarra de mim, parolando sempre a sua algaravia crioula.

Vamos pelo leito da ribeira, se é que a ribeira tem leito na sua enchente torrencial da quadra das chuvas; melhor diriamos: vamos pelo fundo do vale.

Passamos Flamengos de Baixo. A ribeira oblíqua, e ha uma colina que se ergue em frente como um grande paredão...

Trepamos um oiteiro.

Emfim o Mar se descobre! Ao lado fica o Calhetão, onde desagúa a ribeira. O caminho passa ao alto, entre a igreja e a escola. Desce-se a Manguinhos. Um pequeno ribeiro tem aqui a sua foz. No cabedelo o coqueiral cresce até à borda do mar.

Sobe-se de novo, e tem-se à esquerda o Covão do Coelho. Entre este e a Ribeira dos Flamengos está o Monte Cerrado. Entre o ribeiro e a ribeira dos Flamengos, o Monte da Palha. Estão por detraz o Monte Tagarro e o Monte Godim, e para oeste os dois Tchanson.

Depois o Monte Galeão. Segue-se uma grande brecha, que é a da Ribeirêta, que desce até à Cruz do Poilão, entre morros.

Passam dois pretos novos, bem vestidos e bem calçados, com cadeia de oiro e lencinho no bolso... E fingem que não me vêem; afastam-se para uns casais, sem nos darem a *salvação.*

— Decididamente, João amigo, tu comprometes-me. Já eu mesmo envergo um mísero fato de kaki, com botas cambadas e um coçado chapeu. E' certo, pois, que não figuro, sôbre êste bíblico burrinho, imponentemente; mas, sinto-o, és sobretudo tu, meu pagem, que me comprometes... João Fraldão, vai-te!

Joãozinho parece não perceber uma palavra do que lhe digo. Faço mímica, gestos deplorandos do seu estado irregular de indumentária, aponto-lhe o caminho de sua casa, tomo-lhe o balaio; falo-lhe primeiro com doçura, depois quero incutir-lhe terror, finjo que vou desmontar e corrê-lo... Nada consigo. João Fraldão, a princípio surpreso, entra agora em franca hilaridade, e julga agradar-me, imitando-me; reproduz os meus gestos e os meus gritos! Ameaço-o, de punhos cerrados; e êle recúa, rindo, e ameaça-me também de punhos cerrados!

Esta comédia começara na solidão de Entre-Flamengos: lá no cimo das falésias da Ribeira, duzentos metros a pique, aos janelões que a erosão rasgou, mas que parecem varandas fantásticas de palácios ciclópicos, assomavam os macacos, curiosos.

Depois do passeio matutino

Este endemoninhado pretinho é um verdadeiro símio, escapado da horda, com um farrapo de camisa, pilhada a algum vagabundo?

E porque me quedo meditativo, João aproxima-se, e, em português — em português, oh espanto! — pergunta-me:

— Quanto me dá?

— Dou três escudos, mariola — vai-te!

E tiro o dinheiro do bolso...

— *Ca pode*, responde um crioulo. Não pode! E quer cinco escudos, que é para comprar uma boina...

Mas onde foi êle aprender o português necessário para me arrancar escudos? Comprarei, sem regatear, a tranquilidade: dou-lhe logo o que pede. Fraldão salta de contente, levanta, de entusiasmo, a camisa esfarrapada para a cabeça, faz uma grande saudação, e foge desabaladamente — ai de mim! — não para casa, mas para Calheta.

Sento-me, exausto de espírito e de corpo. Ali debato o meu problema — se hei-de ou não prosseguir. Decido-me; começo a subir a encosta.

E, no alto, quem hei de eu encontrar? Joãsinho, já de boina, todo nú, e com a miserável fralda na mão, solta à lestada como uma bandeira... Como uma bandeira de ignomínia!

Não estão acabados os meus trabalhos...

E Joãosinho dispõe-se a acompanhar-me!

Desesperado, faço-lhe sinais para que volte a Flamengos, com o burro e o balaio. Inùtilmente! É um sanchinho, rindo, rindo, com o onagro à arreata, o balaio na mão, a boina na cabeça, e a fralda sobraçada...

Mas ocorre-lhe qualquer ideia: num pulo, ei-lo montado no burro, e vai-se. Vai — mas, de novo, para Calheta!

Perco-o de vista. E sigo, esperançado de que não me apareça mais. Mas, à entrada da vila, logo o distingo, à espera: todo nú, cercado de uma atroz matulagem da sua idade.

Dá com os olhos em mim: alegra-se, grita, e corre a abraçar-me, com tôda a miudagem em vozeria. E os meus amigos de Calheta — o cirurgião, o professor, o logista — aproximam-se vexados, vendo o seu *homem-grande* vilipendiado, levado pela sua terra com aquele extranho séquito, e à frente um pequeno nú sôbre um burro pelado!

João Fraldão! João Fraldão! — é certo que me deste horas de amargura, mas eu te perdôo e abençôo, porque tiveste sôbre mim uma salutar influição filosófica; tu trouxeste ao meu espírito, neste exílio, as mais graves reflexões sôbre as grandezas humanas! Hei de contá-las aos grandes *homens grandes* de Portugal...

Contornamos o oiteiro da Calheta, junto das arribas. Tôda a povoação graciosamente se acinge ao Portinho. Sentamo-nos, conversando, no paredão renegrido que serve de cais.

Na pequena angra, que não tem de largura mais de duzentas braças, balouçam alguns botes de pesca, amarrados à fateixa. Aves marinhas debicam na salsugem as algas boiantes ou riscam, sôbre as águas franjadas de alvura na rebentação da maré, seus vôos rítmicos. Este radioso e alegre cantinho da costa adormenta; infunde um suave sôno dos sentidos o brando marulho nas pedras limosas.

Mas Leopoldino de Brito, o cirurgião, quer que eu visite um hábil serralheiro preto, seu amigo. Que é ali perto...

Vamos subindo. Da esquerda desdobra-se, logo, um cenário empolgante: desde a Serra de Malaguêta, distante léguas, é um rolar vertiginoso da montanha, arrancando, em tropel, cerros e morros que se empurram e precipitam sôbre o Oceano. Alteiam-se na carreira, já próximos, os montes de Cansa-Galinha e do Ribeirão de Água, levando à frente os de Bomboi...

Chegando ao alto da colina, avistamos — Venécia. Como impressionará a todos que aqui vierem a visão surpreendente! Mil vezes contemplada, prenderá sempre Venécia. Junto das arribas é tôda uma sinfonia de verdes, escachoante; lá para o fundo, onde velejam barcos de pesca, passam relâmpagos de vagas. Na praia, sôbre os cachopos aflorantes, a poalha aquática que corôa o véu diáfano em que se adelgaça a ondina, desata-se em grinaldas de aljôfares e esmeraldas. O encanto desta marinha é o dum sonho, inexprimível...

Fico ali, prêso de enliamento magnético, como nos confins dum mundo!

Para acordar, tenho de reagir conscientemente, e só o consigo com violência, atirando a vista para a desolação da Achada da Cativa e para os fraguêdos da Serra...

Mas alta noite, em Flamengos, o hálito do Mar entontece-me ainda... E fica-me nos olhos o reverbero das águas de Venécia, e, no vago horizonte, o fio de oiro que o sol traça na ilimitação oceânica.

Lopes de Oliveira

Casa de pescadores caboverdeanos

HERÓIS ANÓNIMOS

A PESCA DO BACALHAU

Perigos sem conto que é necessário correr nas paragens da Terra Nova e Groenlândia

Vigiando o Mar

Veleiros na Azinheira

QUEM, um dia, para satisfazer a sua natural curiosidade, conseguisse fazer parte da tripulação dos lugres que, na altura própria tomam o rumo da Terra Nova e da Groenlândia, à pesca do bacalhau, ficaria fazendo uma idéia da audácia e da bravura dos pescadores portugueses.

Mas, só assim. Doutra maneira, por mais que fantasie, não conseguirá obter uma pálida visão de quanto é capaz a alma marítima dos portugueses.

Ao vêr êsses lobos do mar, empoleirados nas vergas, perscrutando o mar imenso, ficamos convencidos de que os nossos gloriosos navegadores doutras eras deixaram vasta e digna descendência.

Se fitam o Oceano revolto, é porque não querem ser surpreendidos por alguma das suas traiçoeiras surprêsas.

Todos os grandes domadores fazem o mesmo.

Há muitos séculos que o Mar, após várias tentativas de rebeldia, teve de curvar o dôrso ante a bravura sobrehumana dos nossos marinheiros. O próprio gigante Adamastor, que representava a soberania do Grande Pai do Oceano, sumiu-se nas vagas, deixando entrever as maravilhas das regiões indianas. Finalmente, o Mar submetera-se, e se fôsse possível auscultar-lhe o coração engrinaldado de limos, haviam de sentir-lhe as palpitações aceleradas e violentas que a profunda admiração costuma provocar.

O Mar não se esqueceu ainda de nós, nem poderá esquecer-se nunca. Fômos os primeiros a conquistá-lo, e sômos ainda os primeiros a arrostar-lhe as horas de mau humor, de fúria e até de rebelião.

Podem as grandes potências construír transatlânticos que mais parecem cidades flutuantes com todos os confortos e comodidades das maiores capitais do mundo. Não é essa arrogancia que assusta o Mar. O "Titanic" que passou por ser o maior paquete do seu tempo foi engolido pelas águas em menos de um quarto de hora... E, como êste, quantos mais!

Essas máquinas monstruosas podem fazer honra ao progresso sempre crescente que as inventa, constroi e norteia, mas não representam coragem, valentia e temeridade.

Coragem é singrar o Mar num frágil barco veleiro, sem outros recursos que os transmitidos, de pais para filhos, entre os arrojados pescadores portugueses.

Valentia é seguir viagem num batel ligeiro que mais parece uma casca de noz sôbre as águas revoltas do Mar em fúria.

Temeridade é tripular um lugre com o seu timão à antiga portuguesa, e seguir rumo, esteja o Mar como estiver, sem poder dizer-se que se vai à mercê das ondas.

Contemplando as vagas

Perscrutando os segredos das vagas

Adentro do arcaboiço dêsse barco primitivo ouve-se ainda o rugir metálico da carmalheira do leme que, por ser de ferro, obedece ao impulso dos músculos de aço do marinheiro que o governa.

Tudo se modificou, menos os processos dos nossos marítimos que têm ainda como mais seguros os ensinamentos deixados por Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e Pedro Alvares Cabral.

Na guerra moderna, triste figura faria qualquer dos nossos herois do século XI, cobertos de ferro e brandindo um formidável montante de duas arrobas. Pois na sua faina, os nossos marítimos de hoje aventuram-se através das águas sem fim, seguindo ainda os processos usados pelo seu antepassado Fernão de Magalhães quando deu a volta ao mundo. Não mudaram, nem degeneraram...

Sempre confiados, regressam. Foi boa a colheita! Muitos mil quintais do cubiçado peixe que ha de ser o alimento mais acessível de tantos pobres, e que, por isso mesmo, se chama o *fiel amigo.*

Mulher na secagem do bacalhau

Secagem do bacalhau

O lugre que chega!

Lavagem do bacalhau

VOX POPULI VOX DEI

S. Martinho e os bêbedos

De bispo exemplar de Tours a padroeiro dos amigos do vinho

S. Martinho repartindo a sua capa com o pobre

SEMPRE que se aproxima o dia de S. Martinho, todos aqueles que sabem respeitar as tradições — e até mesmo os que apenas apreciam o sumo da uva — vão fazendo as suas contas para o magusto, abundantemente regado com o melhor vinho que seja possível arranjar-se.

É um velho uso em louvor do simpático S. Martinho.

Portanto, quanto maior fôr a bebedeira apanhada, maior será a fé do que a apanha pelo santo da sua devoção.

E, no entanto, nada menos verdadeiro! S. Martinho, ao contrário do que possa supôr-se, condenou sempre com o maior rigor todos os vícios, não sendo, portanto, natural que abrisse uma excepção para o abuso do alcool. Pode até dizer-se que foi mais rigoroso que o próprio S. Francisco de Assis, já pela época bárbara em que viveu, já pelo seu caracter impulsivo de comandante de legiões.

É possível até que nunca tivesse provado uma gota de vinho, atendendo à vida ascética que levou durante tôda a sua passagem por êste mundo.

E, apesar disto, transformaram-no em santo padroeiro dos borrachões! Quando se pretende aludir a um ébrio que vai seguindo aos zigue-zagues com grave risco de quebrar a cabeça na primeira esquina, é freqüente dizer: aquele é devoto de S. Martinho...

Pois êste santo, vindo lá dos confins da Panónia, de cujos territórios se formariam, decorridos séculos, a Hungria e a Baixa Austria, foi um verdadeiro modêlo de virtudes.

Filho dum tribuno militar, seguira as pisadas de seu pai desde a idade de quinze anos. Apesar da sua tendência belicosa, mostrava-se tão extremamente caridoso com os pobres, que repartia por êles todos os seus bens.

Durante um inverno rigoroso, chegando com a sua legião ás portas de Amiens, encontrou um velho tão insuficientemente vestido que não tardaria a caír morto pelo frio. Num rasgo de abnegação, cortou a sua capa em dois pedaços, e deu uma das metades ao pobresinho.

Pouco depois, impressionado por um sonho que tivera, decidiu-se a seguir a religião cristã. Com esse fim, procurou Santo Hilário, bispo de Poitiers, que o ordenou exorcista.

Arrostando perigos e privações, voltou à Panónia, conseguindo converter sua mãe à fé de Cristo. Como seria de calcular, a sua ânsia de catequisar o maior número de compatriotas rendeu-lhe as iras dos poderes constituidos, sendo forçado a exilar-se para a Itália, onde já se encontrava, por idêntico motivo, o seu mestre Santo Hilário.

Dali seguiu para a ilha Galinaria, onde fez construir uma ermida, conservando-se nêstes trabalhos uns dez anos. Como Santo Hilário resolvesse voltar a Poitiers, acompanhou-o, na firme decisão de lançar mais fundos alicerces à religião que propagava com a maior isenção e sinceridade.

E assim se explica que no dealbar do século IV, fôsse construido o primeiro convento na Gália. Martinho seu fundador, foi também o seu director durante 11 anos. Quando o escolheram para bispo de Tours, tentou esquivar-se, alegando haver quem mais competentemente soubesse desempenhar tão altas funções. Como nada conseguisse com a sua resistência, aceitou a mitra, mas sem deixar de viver como monge no rigoroso mosteiro de Marmontier. As suas virtudes e as numerosas conversões efectuadas entre os pagãos grangearam-lhe um prestígio formidável e uma grande nomeada em tôdas as Galias.

Vários potentados, como Valentiano I em Milão, o usurpador Máximo em Tréves atenderam os pedidos de S. Martinho, concedendo perdão a milhares de condenados que não tardariam a ser passados a fio de espada.

Logo após a morte de Martinho, o seu culto espalhou-se rapidamente através das Galias e de tôda a Europa cristã, tornando-se o seu túmulo, levantado às portas de Tours, ponto obrigatorio de peregrinações.

Muitos séculos depois, os huguenotes profanaram a sepultura do santo, espalhando os seus ossos e queimando todos os objectos que dêle davam memória. Salvou-se, ainda assim, uma pequena parte que continúa a merecer a maior veneração dos fieis.

A adega do convento — quadro de Ed. Prutzner

Foi esta a vida do santo panoniano que sempre primou pela mais rigorosa abstinência.

Hoje, todo o mundo o conhece pelo santo advogado dos bêbedos, como se o *Flos Sanctorum* pudesse ter, à semelhança da mitologia, o seu Baco engrinaldado de pâmpanos viçosos. Não admira que S. Martinho seja assim considerado, visto o severo S. João Baptista ser tido como um folião de tão bom quilate que "para vêr as moças, fez uma fonte de prata". S. Martinho não podia esquivar-se à regra, como não conseguiu esquivar-se a ser eleito bispo de Tours.

Um devoto de S. Martinho — por Leal da Câmara

O facto da sua festa cair no dia 11 de Novembro, e ser esta a melhor época de se verificar a qualidade do vinho colhido, daí o velho adágio:

Pelo S. Martinho
prova o teu vinho.

É claro que a abstinência rigorosa seguida no século IV pelo severo monge panoniano e por todos os seus dirigidos não foi observada pelos outros frades que se seguiram. O magistral quadro de E. Prutzner que reproduzimos dá uma idea aproximada do que poderia ser a adega de um convento com tôdas as suas surprezas. O velho frade dispenseiro, tendo descido à cave, não resistiu à tentação de provar o capitoso nectar do seu barril predilecto. E, de prova em prova, acabou por estender-se com uma respeitável camoeca digna de menção honrosa. É neste estado que o superior o vai surpreender, sendo de calcular que, para castigo e vergonha do beberrão, lhe sejam aplicados alguns dias a pão e água. No interessante quadro vê-se claramente que o delinqüente foi apanhado por denúncia dum outro frade que talvez pretenda para si o lugar de dispenseiro.

Um velho marujo inglês — por Manuel de Macedo

O nosso Manuel de Macedo apresenta-nos um velho marujo inglês que, tendo chegado a Lisboa, não resistiu à tentação de beber até cair. Dois polícias que o encontram naquele lindo estado, fartam-se de o abanar, a ver se o homem dá sinal de si.

— Querem ver que está morto? — diz um deles.

— Qual morto nem qual diabo! — replica o outro que tem umas luzes da língua de Shakespeare. — Queres ver como êle se anima?

E, aproximando-se do ouvido do bêbedo, pregunta-lhe:

— *Isay, Jack, glass whine?*

— *All... right!* — responde logo o marujo.

E, em seguida, após vários esforços, consegue pôr-se em pé.

Por sua vez, Leal da Câmara foca também com o seu lápis um bêbedo que encontrou em Madrid por alturas de 1899. Como se vê, o culto por S. Martinho é universal, mantendo os devotos de todos os países do mundo o mais alto fervor.

Já agora, que as coisas estão como estão, para que havemos de abalar a fé dêstes crentes que concentram tôdas as suas esperanças no venerável bispo de Tours?

Ignoram, é certo, a vida exemplar dêste santo que, mesmo antes de se converter à lei de Cristo, praticava a caridade com uma abnegação enternecedora, mas festejam o seu dia com um suculentíssimo magusto. Nas suas almas toldadas pelos eflúvios do môsto, reina, perene, a auréola de S. Martinho que os protege.

Venham, portanto, as castanhas, e toca a acender uma grande fogueira em louvor do santo. Cada um manifesta o seu fervor como pode e como sabe...

E — se repararem bem — um magusto visto a distância não faz grande diferença dos holocaustos dos tempos bíblicos.

Estes sacrifícios de hoje são até mais humanos, pois não é necessário abater rezes numa fúria sanguinária como nas eras de Abraão e de David. Basta queimar castanhas, e regá-las com uma boa pinga sem mistura. E que mal poderia trazer êste culto ao Mundo? O vinho é a alegria e a vida, não sendo bebido em excesso. Todos sabem que o prodigioso sumo da uva reanima as forças e tonifica o organismo.

A bebedeira e as leis da gravidade

Se a sua virtude é tão grande que até o consideram sangue de Cristo; se a sua falta era tão sensível que o próprio Cristo realizou o milagre das bodas de Caná para que todos bebessem e folgassem, quem teria o arrôjo de condenar o vinho?

SÓ É FEIO QUEM QUERE

A beleza tem sido sempre a preocupação da mulher, e todas as extravagâncias que podem adorná-la ou dar-lhe poderoso destaque são bem acolhidas por ela.

O que em alguns povos pareceria ridículo e digno de troça, é noutras partes do globo motivo de admiração.

Aquelas tríbus que metem argolas no nariz, e acrescentam os lábios numa espécie de prato, imaginam trilhar a estrada da beleza à sua maneira. Nós achamos êsse jeito simplesmente horrendo.

Era curioso saber o que lhes parece, a essas negras, o sinal nas pestanas das mulheres brancas, o seu vermelhão dos lábios e das faces.

Naturalmente classificam essas garridices tão descaroavelmente como nós classificamos as suas práticas de alindamento.

Os homens, com preocupações mais sérias na sua vida, tinham abandonado o cuidado dos encantos físicos às mulheres, bastando-lhes serem fortes e inteligentes.

Agora, porém, o mundo está dando uma grande volta, e os homens encontram-se com as mulheres, na mesma aspiração de perfeição de seus dotes naturais, e até em substituir qualquer feição desagradável por um melhor pedacinho, no conjunto, com sacrifício de dinheiro e grande soma de sofrimento.

■

E' verdade, parece, que os feios, êles e elas, vão acabar.

Daqui a pouco já não há dificuldade de escôlha entre os sexos — ou talvez seja melhor dizer que aumentará essa dificuldade, porque todos serão tão bonitos e tão bem acabados, que a gente fica sem saber para que lado se ha de voltar e marcar a sua preferência, sem receio de ter mal escolhido. A fartura tem dêstes contras, e não há fome que nela não dê, mais cêdo ou mais tarde.

Não ouviram por aí falar numa clínica que há na cidade de Praga onde entra um aleijão e sai um primor de estética?

Pois é assim, tal qual.

Mulher ou homem que não esteja contente com o seu nariz, por exemplo, chega lá, diz o seu desgôsto, abre a carteira, e logo lhe põem um nariz novinho, grego ou romano, á escolha, do qual o paciente será felicíssimo de ser o senhor.

E é o cliente que fornece a matéria prima para o concerto, não precisa de favores de ninguém.

É muito interessante e eu podia dizer como isso se faz, porque já aprendi na leitura dêsses tratados de estética, mas não digo, porque não estou aqui dissertando sôbre cirurgia, mas unicamente comentando um facto que marca a época actual.

Todos conhecem o apêgo de Cecília Sorel à mocidade e dou-lhe muita razão. É difícil resignarmo-nos à perda de encantos que muito ajudam ao triunfo da artista no palco.

Já a nossa Angela Pinto me dizia, desesperada, que não havia maneira de conciliar-se com a ideia de ser velha. Se fôsse viva, talvez seguisse, se para isso tivesse meios, o processo da grande actriz francesa, que pela segunda vez fez a operação das rugas no rosto; por sinal que ficou com os olhos oblíquos, o que lhe dá um ar de chinesa.

Mas os homens, como já disse, também não desarmam. Jean Cocteau, o discutido romancista, também se fez operar, para apagar o ultraje da idade.

■

E afinal não sei se vale a pena sujeitar-se a êsse sofrimento e a essa despesa, para ficar mais bonito.

Ás vezes, dá justamente o resultado contrário. Quando se pensa que se fica melhor e se agrada mais depois do embelezamento, acontece que a criatura a quem se pretendia seduzir achava preferível a primeira forma e fica desapontada, depois da transformação.

Foi o que aconteceu ao galã de um certo filme — um boxeur de nariz tôrto que tinha feito uma conquista, e a perdeu justamente por ter endireitado o nariz.

Ela achava que êsse defeito lhe dava um *cachet* especial e aliciante, e vai o homem estragou tudo.

Outras vezes, julga-se que êste ou aquele percalço físico pode prejudicar uma carreira e faz-se o sacrifício duma operação.

Entre nós houve um dêsses casos dolorosos. Uma artista de teatro, com o busto desenvolvido em demasia, pensou que fôsse essa a causa da falta de contratos. Entregou-se aos cuidados dum especialista em cirurgia, estética, que lhe fez a ablação parcial do seio e foram semanas de inacção e dôr física e moral, pela incerteza dos resultados a obter de tal holocausto.

Realmente a operação foi bem feita, o busto adquiriu a gracilidade que lhe faltava, mas os contratos é que continuaram ausentes. E essa mulher pensará hoje amargamente em como a humanidade é má e desagradecida, e que não merece o mais pequeno sacrifício para lhe agradarmos. Conto êste caso, com os nomes dos protagonistas, no meu livro *Como se conquista um homem*, por isso, acho inútil repeti-los aqui, e cito o facto, simplesmente como ilustração desta crónica.

Para nós mesmos, se nos sujeitarmos a tratamentos de beleza, o resultado não passa de uma ilusão.

Tudo é postiço, enganador, e não poucas vezes, com o tempo, se volta ao primeiro estado.

Se é para agradar a alguém, não vale a pena, porque êsse alguém ou gosta de nós ou não.

Se gosta, quer-nos de qualquer maneira, mais gordos ou mais magros, mais ruga, menos ruga, loiros ou morenos. Estou falando dos dois sexos.

Quando se não gosta, "não se gosta mesmo», como se diz no Brasil, use-se o artifício que se usar.

Ou, então, mais francamente, mais á portuguesa, seguiremos aquêle tão conhecido adágio que vem desde tempos imemoriais:

Gosta-se porque se gosta,
Não se gosta, porque não...

Isto de amor, se verificarmos bem, não é coisa que esteja ao alcance de todas as mentalidades, até das que se ufanam de mais cultas e experimentadas.

Carne, miséria... prazer dos sentidos...

Também, francamente, não faz sentido que se defenda um amor que assenta sómente no agrado material.

Quando êle — o amor — nasceu de um estremecimento do choque de duas almas, êsse, sim, vale o trabalho de guardá-lo.

Mas, então, as academias de beleza pouco ganham com isso, porque nesse caso o que há a fazer é alindar o espírito, que é onde se forjam os elos mais fortes e duradouros.

Mercedes Blasco.

VIDA ELEGANTE

Salões

Para inauguração da sua nova residência à rua Rodrigo da Fonseca, ofereceram a sr.ª D. Maria de Oliveira Pegado de Azambuja e o sr. João José de Oliveira Pegado de Azambuja, uma encantadora festa, que decorreu sempre no meio do maior entusiasmo, tendo havido, além da animada conversação, dansa, que apenas foi interrompida duas vezes em que foi servido no salão de mesa um finíssimo serviço de «chá» e «chocolate» fornecido pelo restaurante Tavares.

O aspecto dos salões da elegante residência, decorados com fino gôsto artístico por Jalco Limitada, ofereciam nessa noite um aspecto verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto na assistência as seguintes pessoas:

Conde de Caria, coronel Emílio de Lemos e esposa, Mendes Lira, espôsa e filhas, comandante Alfredo de Sousa e Brito e espôsa, Dr. Mário de Oliveira e espôsa, Senhora de Lobato de Faria, Roberto Pegado, espôsa e filha, Senhora de Ribas Potau e filhas, D. Suzana Saraga Ribeiro de Sousa, Dr. Pedro Guimarães, D. Wanda Gomes da Silva, Dr. Raymundo Waddington Quintanilha e Mendonça, D. Lea Ribeiro de Sousa, Dr. Roberto Appleton de Oliveira Pegado, D. Maria Frederica Ressano Garcia, Dr. Frederico Pegado, D. Maria Emília Medeiros Tavares, Jorge de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Mafalda Sobral Dias, Mário Baptista Coelho, alferes Medeiros Tavares, Bernardo Teles da Gama e Pegado, Adriano de Brito, Antero Sobral Dias, e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os ilustres donos da casa tiveram ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas belas qualidades de carácter, retirando os convidados gratissimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

NO CLUB BRASILEIRO

Na noite de 31 de Outubro findo, realizou-se nos salões do Club Brasileiro à Avenida da Liberdade, a inauguração da temporada de inverno, com um grandioso baile, levado a efeito pela comissão de festas do mesmo clube, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se dansado até de madrugada ao som de uma exímia orquestra «jazz-band», sendo apenas interrompida pela uma hora da manhã, em que foi servido no salão de mesa uma finíssima ceia.

Na assistência além do ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, sr. Dr. Artur Guimarães de Araujo Jorge, viam-se entre outras as seguintes sr.as:

D. Maria das Dores da Silva Monteiro, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Mary de Brito Keil e filha, D. Maria de São Pedro Monteiro Mascarenhas, D. Mariana Teles Guedes, D. Maria da Paz Batalha, Senhora Stock, D. Maria Inês Pessanha do Lago (Arcos), D. Ester Proença Fortes, D. Elisa de Sousa Botelho, D. Maria Amélia Caldeira Teixeira, D. Beatriz Pamplona, D. Irene de Sousa Lameiro, D. Maria Amélia Baptista, D. Maria Armando Mora, D. Maria Isabel Castanho, D. Maria Zidia Sampaio Baptista, D. Maria da Paz Batalha Manzoni de Sequeira, meninas Benoliel, Ferrão, Ismael, etc.

Casamentos

Realizou-se na paroquial dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, o casamento da sr.ª D. Maria Graziela Lobo da Costa de Figueiredo, gentil filha da sr.ª D. Dulce Lobo da Costa de Figueiredo e do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, com o dr. José Manuel Gonçalves, filho do falecido industrial madeirense sr. comendador Manuel Gonçalves, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo o sr. Delgado Barreto, sendo o acto presidido pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia durante a qual o antigo e laureado aluno do Conservatório Nacional de Música sr. Vasco de Brederode, executou no orgão vários trechos de música sacra, foi servida na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.ª D. Maria da Luz dos Reis Ferreira de Gouveia, gentil sobrinha da sr.ª D. Ana Maria da Gama Pinto Caeiro Carrasco Gouveia, e do tenente sr. Francisco Augusto Gouveia, com o sr. Amadeu Antunes Vieira, distinto aluno da Escola Superior de Medicina Veterinária, filho da sr.ª D. Maria Antónia Dias Vieira e do sr. Raul Vieira, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D Maria Luiza Lancastre de Freitas, gentil filha da sr.ª D. Amélia Afonso Lancastre de Freitas, e do sr. José Marques de Freitas, com o sr. D. Francisco Eduardo de Somer de Saldanha da Bandeira, filho da sr.ª D. Ema de Somer de Saldanha da Bandeira, e do sr. D. Nuno de Saldanha da Bandeira; tendo servido de madrinhas a condessa de Louzã, e D. Maria Amélia de Lencastre de Freitas Alegre, tia e irmã da noiva e de padrinhos os srs. João Viveiros Pereira e D. Luís de Somer de Saldanha da Bandeira, tio e irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Machado Leal, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Castilho, um finissimo lanche, partindo os noivos, aos quais fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel para Aveiro, onde fôram passar a lua de mel, seguindo de ali para a sua casa no Cartaxo.

— Realizou-se na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D Maria Alice da Silva Pereira, interessante filha da sr.ª D. Maria da Silva Pereira e do nosso presado colega na imprensa, chefe da redacção de «O Século» sr. Acurcio Pereira, com o também nosso colega de «O Século» Augusto Fraga, filho da sr.ª D. Maria Adelaide Fraga e do sr. António Fraga, funcionário da Casa Pia, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Guilhermina de Almeida Pereira e a mãe do noivo, e de padrinhos o tio da noiva sr. Manoel Acurcio do Carmo Pereira e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto Lima, esposa do sr. Joaquim Pinto de Lima, para seu sobrinho o sr. Artur Teixeira de Lima, a sr.ª D. Fernanda Guerreiro Marques, interessante filha da sr.ª D. Eufémia Guerreiro Marques e do sr. António Marques, já falecido e sobrinha da sr.ª D. Virginia Costa e do sr. Filipe Tiago da Costa.

— Em Sintra, realizou-se na paroquial de Santa Maria e S. Miguel, o casamento da sr.ª D Maria Henriqueta Caldeira Cabral, gentil filha da sr.ª D. Alice Caldeira Cabral e do distinto médico laringologista sr. dr. Caldeira Cabral, com o sr. dr. Hortencio Ferreira da Fonseca, filho da sr.ª D. Maria Alfreda Barros e Cunha Ferreira da Fonseca e do sr. dr. Joaquim Ferreira da Fonseca, servindo de madrinhas as mãis dos noivos, tendo a do noivo sido representada por sua filha a sr.ª D. Ana Ferreira da Fonseca e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. dr. João Ferreira da Fonseca.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o solar dos pais da noiva em Paços da Serra, perto de Gouveia, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu filho Luís Filipe, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Luísa Pombeiro Dias Saldanha de Matos, a sr.ª D. Maria Eduarda Capelo Ribeiro Cabral, interessante filha da sr.ª D. Maria Carlota Capelo Ribeiro Cabral e do sr. Francisco Augusto Ribeiro Cabral já falecido.

— Realizou-se na paroquial do Sagrado Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Maria Eugénia Tavares, gentil filha da sr.ª D. Alice Iglesias Tavares e do sr. José Simões Tavares, secretário do Instituto Bacterelógico Câmara Pestana, com o sr. Armando Vaz, filho da sr.ª D. Laura Beatriz Vaz, ja falecida e do sr. Henrique Vaz, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Laura de Andrade e D. Beatriz Mariana Vaz, irmã do noivo e de padrinhos o sr. dr. Abel de Andrade e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento em Vila Real de Santo António, pela sr.ª D. Maria Paula de Prazeres, espôsa do sr. Jaime Raul Prazeres, correspondente do «Diário de Lisboa», para seu filho Reinaldo Raul, distinto médico municipal e Delegado de Saude do Concelho de Castro Marim, a sr.ª D. Maria José Vasques Rodrigues, interessante filha da sr.ª D. Catarina Vasques Rodrigues, e do importante industrial e proprietário sr. Jacinto Cordeiro Rodrigues, devendo a cerimónia realizar-se por todo o ano próximo.

— No Porto, realizou-se na paroquial de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.ª D. Adelaide Teixeira Lopes, gentil filha da sr.ª D. Maria Teixeira Lopes e do sr. Joaquim Chaves Lopes, com o tenente da armada sr. Afonso Manuel Machado de Sousa, filho da sr. D. Noémia Alves Machado de Sousa e do sr. Vitorino de Sousa, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Alice Fernandes Cunha e de padrinhos os pais do noivo, presidindo ao acto o reverendo dr. Manuel Pereira da Silva, prior de Paranhos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Sua santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram de «damas de honor» as sr.as D. Alice Sampaio, D. Lucília Pereira, D. Beatriz Chaves, D. Teodina Guedes, D. Maria Clara Sanches, D. Maria Vitória Pinto, e D. Idalina Carvalho, conduzindo as alianças a menina Maria da Graça.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Pela sr.ª D. Ester Maria da Cruz, foi pedida em casamento para seu filho Carlos, distinto pintor-decorador, a sr.ª D. Henriqueta de Oliveira Paiva, filha da sr.ª Amélia de Oliveira Paiva, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo mês de Dezembro.

Nascimentos

— Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Generosa Murteira Frazão, espôsa do sr. dr. Manuel Frazão. Mãi e filha estão de perfeita saude.

— A sr.ª D. Maria Emília Pinto Coelho Dória Nobrega, espôsa do sr. dr. Francisco de França Dória Nobrega, distinto advogado e notário em Vila Franca de Xira, teve o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Marília Alda de Lima Monteiro Temudo, esposa do tenente de engenharia sr. José Fortunato Paulino Brandão Freire Temudo. Mãi e filha encontram-se de perfeita saude.

— Teve o seu bom sucesso, na Casa de Saude de Benfica, a sr.ª D. Maria Luísa Barros Vidal, esposa do distinto clínico sr. dr. Carlos Vidal, sendo seu médico assistente, o distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãi e filho estão felizmente bem.

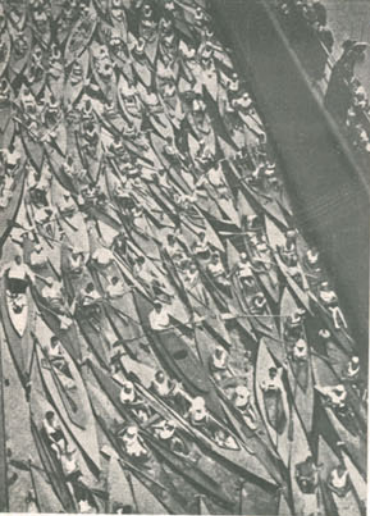
— A sr.ª D. Odete da Fonseca Viotti de Carvalho, esposa do sr. Fernando Viotti de Carvalho, distinto alferes do Batalhão de Metralhadoras n.º 1, teve na maternidade de Alfredo da Costa, o seu bom sucesso. Mãi e filho, encontram-se bem de saude.

— Em Cascais, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria da Saude Vilar de Sousa, esposa do sr. Alberto Vilar de Sousa. Mai e filha estão felizmente bem.

— A sr.ª D. Gracinda Simões Coelho, esposa do sr. Simões Coelho, teve na casa de Saude de Bemfica, o seu bom sucesso, tendo como assistente, a distinta médica, doutora sr.ª D. Branca de Seabra. Mai e filho encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Maria Norberta de Carvalho Mendes Ribeiro, esposa do sr António Mendes, teve na Ordem da Trindade, no Porto, o seu bom sucesso. Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

A QUINZENA DESPORTIVA

Curioso aspecto duma repreza num dos rios que ligam entre si os lagos berlinenses, pejada de inúmeras pirogas onde ao domingo passeiam os desportistas alemãis

A actividade desportiva portuguesa resumiu-se, durante estes quinze últimos dias, ao prosseguimento regular dos campeonatos regionais de futebol.

Todos os restantes desportos da quadra invernosa se conservam ainda em descanso, e o público afecto aos espectáculos desportivos não tem grande variedade por onde escolher o emprêgo das tardes dos seus domingos.

O Sporting, campião de Lisboa e «leader» da prova bateu o Benfica, seu velho rival por um número de bolas inesperado

A época do jôgo da bola não começou sob felizes auspícios e é evidente que se está atravessando em Portugal, ou pelo menos em Lisboa, um período de crise que pode trazer às colectividades desportivas sérios embaraços; não se trata tanto, no caso presente, de declínio no valor das equipas e na classe do jôgo por elas desenvolvido como do desinterêsse manifestado pelos espectadores cuja afluência aos campos baixou consideràvelmente em relação aos anos anteriores.

O assunto tem sido debatido na imprensa e apreciado sob diversos aspectos, atribuindo-se-lhe as origens mais diversas, nas quais sempre a responsabilidade recai sôbre os dirigentes dos clubes e, indirectamente, sôbre o estado de espírito dos jogadores que é conseqüência dos actos dos dirigentes.

Afigura-se-nos que o público arrefeceu de entusiásmo pelos encontros de futebol porque tende a desaparecer, dentro e fóra do rectângulo de jôgo, o espírito clubista que é o grande animador de tôdas as competições desportivas.

Não é rasoável atribuir culpas à insufiência técnica dos grupos, porque tempos houve em que se jogava muito pior do que hoje, e, no entanto, as assistências nunca fraquejaram. Mas, bem ou mal, os componentes das equipas lutavam com ardor e fé pela vitória, sentiam amizade desinteressada pelo clube que haviam escolhido, e a massa associativa, os adeptos e os simpatisantes, vibravam com êles no mesmo entusiásmo, estimando-os como coisa sua.

Agora, tudo isto mudou; o regime de profissionalismo confuso que se estabeleceu no país, matou o amor clubista; os homens trocam de camisola dum ano para o imediato, conforme a retribuïção mais compensadora. O público perde-se neste constante saltitar, e os seus preferidos duma época aparecem-lhe na seguinte transformados em adversários.

Por outro lado, os nossos campos, excepção feita ao das Salésias, apresentam-se cada vez mais desconfortáveis e o espectador paga caro para ser mal instalado. As direcções dos clubes deviam olhar com muito cuidado para êste assunto, pois dêle depende quási em exclusivo o progresso do desporto português.

O rareamento esta época verificado no público não pode ter outras razões além destas, pois os encontros já disputados no campeonato de Lisboa, que vai a meio da sua rota, variaram dos habituais resultados e forneceram algumas surprêsas bem próprias a espicaçar o intêresse dos afeiçoados. Dos grupos considerados grandes senhores pela tradição apenas o Sporting mantem posição equivalente às suas tradições; o Benfica, posto em cheque pelo Casa Pia e pelo Barreirense com os quais apenas empatou, sofreu dos "leões„ a mais pesada derrota da sua longa rivalidade desportiva, o Belenense, batido pelo Benfica e pelo Barreirense, empatou sem merecimentos com o Carcavelinhos que surgiu na competição como o grande animador. E, para não ser apenas Lisboa a séde das surprêsas, também o Vitória em Setubal sofreu desaire na prova regional, e — mais extraordinário ainda — o Football Club do Pôrto encaixou 4 bolas sem retribuir nenhuma ao modesto Salgueiros.

Decididamente, o ano vai dar que falar na gente da "bola„.

■

A reforma do ensino secundário que acaba de ser posta em execução, veio pôr uma vez mais em plano de actualidade o problema da educação física da criança portuguesa.

Há anos que vimos pugnando pela abolição dos métodos contrários às conveniências e tradições da mocidade portuguesa, apregoando a necessidade duma campanha de regeneração física conduzindo ao emprêgo de processos educativos nos quais sejam respeitadas as virtudes dinâmicas das crianças e que nelas desenvolvam qualidades de energia física e moral, as mesmas que elevaram a glória dos antepasssados conquistadores do mundo.

Em diversas ocasiões julgamos alcançado o objectivo, mas falharam as esperanças; renegado pelos técnicos, desprezado pela maioria dos professores a quem competia aplicá-lo, ridiculizado pelo confronto, o "método filosófico„ existe pouco mais do que no papel, mas existe.

A reforma actual vem, porém declarar que a aplicação de educação, subordinada ao sexo e idade dos alunos, tem por fim a conservação da saúde dos indivíduos e, simultaneamente, a formação colectiva da energia, física e moral da juventude para o serviço do país. Ora esta formação não se conseguirá, por certo, com os movimentos letárgicos da ginástica passiva, que condena a iniciativa e o direito de fatigar os músculos. Tudo faz assim prever que voltaremos enfim ao caminho da razão.

Êste quadro, que representa o corredor americano Wykoff foi exposto em Berlim onde causou surprêsa

Se, por êste lado, a reforma do ensino liceal nos deixa agradável impressão, desilude-nos ainda quanto ao número de tempos consagrados no programa escolar à prática da educação física; duas lições semanais durante os três primeiros anos e uma só nos cinco anos finais, que correspondem à idade em que a criança mais necessita da ginástica e do amparo do exercício físico, são flagrantemente insuficientes.

É facto que o sábado fica livre de trabalhos intelectuais e será reservado a excursões, exercícios ao ar livre ou trabalho no ginásio; mas, de qualquer forma temos de considerar as três lições semanais como o mínimo indispensável a um aproveitamento compensador.

Não podemos querer tudo duma vez; a orientação segue pelo caminho mais próprio ao alcance dos objectivos ambicionados, e já é uma vantagem. Devagar é a maneira mais segura de ir longe, e saber esperar, a maior virtude para o êxito na vida.

■

A aviadora inglesa Joan Batten, frágil rapariga de vinte e poucos anos, estabeleceu um novo "record„ de tempo na viagem pelos ares de Inglaterra à Austrália, percorrendo os 15.400 km. em 5 dias 21 horas e 3 minutos. O que semelhante proeza exige de coragem, de resistência, de decisão, parece inacreditável se encontre num organismo feminino.

Joan Batten nasceu na Nova Zelândia e orientou os seus estudos para o professorado do piano. Em 1930 modificou os seus projectos e aprendeu a pilotar; em tão bôa hora o fez que, servida por excepcionais qualidades, tem desde essa data alcançado os maiores triunfos, conquistando a glória e impondo ao mundo inteiro o apreço pelas possibilidades das mulheres desportistas.

Êste imponente aspecto de exibição de ginástica sueca no Estádio de Berlim pode servir de molde ao que desejaríamos vêr um dia apresentado pela mocidade portuguesa

No livro de ouro das grandes viagens aéreas a audaciosa aviadora inscreveu em 1933 um primeiro vôo de Londres à Índia. No ano seguinte estabeleceu o "record„ feminino no percurso Inglaterra-Austrália com 14 dias 23 horas e 25 minutos, percorrendo em 1935, caminho inverso em 17 dias 16 horas e 15 minutos.

O campião olímpico do lançamento do dardo, Stock, é professor numa escola de Berlim e recebeu dos seus alunos a consagração pelo triunfo obtido

Chegada à Europa pouco descansou; partindo para a América do Sul, ligando Londres a Buenos Aires em 15 dias, gastando até ao Brasil apenas 2 dias e 13 horas e tendo atravessado o Atlântico numa extensão de 3.100 km. à velocidade-record de 233,300 km.-hora.

É curioso registar que os dois melhores tempos nos percursos Inglaterra-Cabo e Inglaterra-Austrália pertencem a duas mulheres; o primeiro a Amy Mollison em 3 dias 6 horas 26 minutos e o segundo a Joan Batten.

No ano seguinte registaram-se diversas outras proezas femininas em aviação, de entre as quais destacaremos o "record„ mundial de altitude da francesa Maryse Hilsz com 14.310 metros, a viagem transatlântica de Inglaterra ao Canadá pela inglesa Beryl Markham e a vitória da americana Luiza Thaden na corrida Nova York-Los Angeles batendo todos os competidores masculinos. Pode dizer-se, perante tais factos, que em cima dumas asas, as representantes do sexo fraco são tão fortes como os homens.

Depois de vencido pelo Sporting, o Benfica causou surpresa batendo com justiça o Belenenses, que no início da época parecera em boa forma

No dia 14 de Outubro foi batido dos "records„ mais puramente atléticos que figuram nas tabelas do desporto: uma hora em bicicleta sem treinadores.

Foi o francês Maurício Richard o autor do feito, alcançando na pista do velódromo de Milão a distância de 45.398 metros, mais 308 metros do que o anterior máximo, pertença do italiano Giuseppe Olmo.

Se compararmos o resultado de Richard com a primeira distância que figura na tabela dos "records„ mundiais da hora (35.325 metros por Henri Desgranges, o actual director do conhecido jornal parisiense "L'Auto„, em 11 de Maio de 1893), verificamos que o progresso foi de duas léguas no espaço de qüarenta e três anos.

O suíço Oscar Egg foi o corredor que durante mais tempo conservou o trofeu; os seus 44.247 metros efectuados em 18 de Junho de 1914 só em 1933 foram superados, pelo mesmo Richard que reconquistou agora um bem perdido e sempre desejado.

O novo "recordman„, animado pelo resultado da primeira tentativa, atacou no dia seguinte o "record„ da hora em "tandem„, mas êle e o seu companheiro Dayen abandonaram ao cabo de meia hora reconhecendo infrutíferos os seus esforços. E eis o que, por agora, se nos oferece dizer, tudo levando a crêr que mais diremos no próximo número.

Salazar Carreira.

VIBRAÇÕES PATRIÓTICAS

Mais de três mil pessoas aclamaram o sr. Presidente da República na cidadela de Cascais, pretendendo assim saudar a nobre atitude do Govêrno na pessoa do Chefe do Estado. A' direita um aspecto da manifestação. Em cima o sr. general Carmona e sua espôsa agradecendo os aplausos do povo

O sr. ministro do Interior, no Pôrto, com o chefe do distrito, presidente da Câmara, Comandante Militar e membros da União Nacional por ocasião da grandiosa manifestação nacionalista em que mais de cem mil portuenses patentearam o seu acendrado patriotismo. — A' direita: os trabalhadores do Cais de Lisboa em frente do ministério das Finanças, a fim de agradecerem ao Govêrno o ter sido reconhecido o seu profissionalismo

Um aspecto da parada do corpo da Polícia de Segurança Pública no Terreiro do Paço que teve por fim prestar homenagem a três elementos valiosos de tão prestante corporação: comissário Lino de Oliveira, chefe Banadas e guarda n.º 882, Francisco Rocha. O sr. ministro do Interior procedeu à aposição das medalhas. Terminada a cerimónia, as fôrças desfilaram perante o ministro e demais entidades oficiais. O desfile causou a melhor impressão pelo seu garbo marcial e alinhamento impecável

A RAPARIGA DE HOJE E A DE ONTEM

A geração de depois da guerra, hoje a mocidade, dá-nos um modêlo de rapariga completamente diferente, do que era a rapariga dessa época, que marcou pode dizer-se, um salto, na maneira de ser da humanidade. Os cinco anos de guerra modificaram de tal maneira a sociedade e a humanidade que equivaleram a 50 anos.

A rapariga que vivia dentro de casa com uma educação muito superficial, muito inocente a «oie blauche» de todos os romances franceses, dessa época, que falava línguas, tocava e cantava, pintava a aguarela, bordava a matiz e esperava como única solução à sua vida, um noivo, que não aparecia muitas vezes, acabou, extinguiu-se, é apenas uma tradição lendária.

A seguir à guerra que a lançára numa vida completamente diferente aturdindo de liberdade essa rapariga, que estava habituada a não dar um passo sem ser escoltada pela vigilância paterna ou pelo menos das mestras ou criadas, que estavam encarregadas de a acompanhar, de a vigiar, de lhe tirar do caminho tôdas as pedras, e, de lhe aplanar tôdas as dificuldades, houve uma verdadeira loucura, que desviou ràpidamente de mais, a rapariga que vivia uma vida moral, de flor de estufa, envolvida em algodão em rama, para a vida livre dos entes que têm deveres e direitos, e, que a catástrofe que fazia ruir muitos dos preconceitos que até aí eram leis, lançava, para a vida de actividade sem preparação alguma.

A rapariga que não tinha estudos nem profissão manual, foi obrigada pela fôrça das circunstâncias, a ganhar a sua vida, a rapariga que não dava um passo só, viu-se de um dia para o outro, livre, senhora das suas acções, com uma convivência forçada com o homem, que até aí encarára como o príncipe encantado, que a viria um dia procurar para esposa.

O choque da educação e da realidade da vida foi tremendo. A reacção que em seguida se deu, o delírio dos divertimentos, a mania da dansa, que como uma loucura colectiva atacou a humanidade, as modas e a pintura tudo contribuiu para desiquilibrar os nervos da rapariga, que se tornou mulher numa inconsciência dos seus deveres, a que felizmente houve muitas excepções.

Foi a época das raparigas extravagantes com a mania da originalidade, com o desprêzo das convenções que lhe tinham oprimido os primeiros anos, com a embriaguez da liberdade, de que nem sempre faziam um bom uso, mas que as enlouquecia, e, estonteava como uma passagem rápida das trevas, da escuridão dum carcere, para a luz brilhante, dum radioso dia de sol.

Estão explicadas e desculpadas as incoerências da rapariga de ontem, atordoada pela catástrofe que a surpreendeu ao desabrochar da vida e que a obrigou a um salto moral de meio século.

Agora observemos a rapariga de hoje, aquela que dos dezasseis aos vinte e cinco anos, na mais radiante mocidade nos oferece o mais belo espectáculo, do desabrochar maravilhoso da flor humana, que será a mulher de amanhã.

Criada num ambiente mais aberto, viu talvez cedo de mais, a vida, que a fúria de gôzo e de prazer que na sua infância atacára o mundo, não escondia como antes os defeitos da humanidade, os seus vícios e as suas paixões, de aí uma certa desilusão e um conhecimento da vida que nos surpreende em almas tão novas, que deviam ver tudo atravez do prisma da ilusão.

Habituada desde criança à liberdade ressente-se do pouco respeito que os mais velhos lhe inspiram e que diga-se em abono da verdade, são muitas vezes os culpados, por se quererem rejuvenescer colocando-se num pé de igualdade, fazendo com que desapareça da face da terra a civilidade, uma das mais belas flores do jardim humano. Praticando o desporto desde criança, acostumada a andar só e a resolver as dificuldades, que se lhes deparam, a rapariga de hoje, tem os nervos mais equilibrados e uma sentimentalidade menor ou mais normal.

No rapaz não vê o principe encantado, vê o camarada, mas talvez até um pouco de mais, não exigindo nas suas relações de sociedade êsse respeito e essa delicadeza, que essa mesma camaradagem, mais do que nunca deve exigir.

Melhor orientada na vida prática, a rapariga de hoje, estuda e prepara se para a luta da vida com uma instrução, que eguala a do rapaz e que só lhe pode trazer vantagens, quer ganhando a sua vida se o precisar fazer, quer mais tarde no seu lar onde poderá ser a verdadeira companheira, e orientar a educação dos filhos.

O que é preciso é que a rapariga compreenda, que por ter instrução não deixa de ser mulher e que não deve perder a graça feminina. A rapariga de hoje divide-se pode dizer-se em trez grupos.

A rapariga que estuda, que pensa quási que é um rapaz, que se esquece, que a sua missão é ser acima de tudo mulher, para mais tarde crear um lar e ser mãi, essa rapariga que fala calão, que ambiciona conquistar um lugar na vida e gosar a liberdade mais completa.

Essa rapariga veste muitas vezes de estudante e perde o seu encanto.

Ha tambem o grupo, da rapariga que estuda o que a obrigam, e que tem apenas um ideal na vida, divertir-se, essa é a rapariga frivola, que hade sempre existir e que em todas as sociedades houve sempre, é a rapariga que não conta.

Temos o terceiro grupo, a rapariga cristã, que se nota em toda a parte em que se encontra, e, que já se vai encontrando em aguas, termas e praias, e que chama logo, a atenção, pela sua simplicidade de maneiras, pela compostura do seu porte.

E' cada vez maior o seu número felizmente, trabalhando activamente para o bem, procura distinguir-se nos seus estudos, não por vaidade, mas por espírito de apostolado e procura ser um exemplo.

E' esta rapariga de hoje, estamos convencidos a que triunfará na cristianisação do mundo, porque será a esposa e a mãi de amanhã e por ela virá a restabelecer-se o equilíbrio moral, tão abalado, pela grande guerra e tão ameaçado pela onda de ideias destruidoras com que o horisonte da política se obscurece.

A rapariga de hoje tem na sociedade actual um papel importantissimo. Anjo ou demonio, ela será a salvação da sociedade ou a perdição da civilisação, afogada em lama sangue e lágrimas.

Mas esperemos nela, ponhamos na rapariga de hoje, que será a mulher de amanhã, toda a nossa esperança e que a luta que a ameaça, sirva apenas para desenvolver nela, todas as virtudes, despertar na sua alma, todas as energias, e fazer com que ela saiba vencer todos os duros escolhos que ameaçam o caminho da sua vida.

Vida mais difícil do que foi a da rapariga de ontem, porque, se mais direitos adquiriu, mais responsabilidades pezam sôbre os seus frágeis ombros, a rapariga de hoje não tem como desculpa a ignorância das suas antecessoras.

Em compensação será a sua vida muito mais interessante, porque a luta se por um lado é dolorosa e incomoda, por outro, é um incentivo para os nervos, uma verdadeira criadora de energias e de vitalidade.

Como orientadora de seus filhos, que no futuro deve ser, tem de preparar a sua personalidade e tem de ter o maior cuidado na sua apresentação. Para quê estragar a sua mocidade em frívolos divertimentos que nada de bom lhe pode trazer?

Mas melhor do que os conselhos dos mais velhos é o exemplo dos novos e êsse exemplo existe já hoje, felizmente, apresentados por muitas raparigas que fazem uma vida de trabalho e de dedicação ao bem e a tudo o que há no mundo de superiormente belo.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Não há estação mais bela no nosso país do que o outono. Em tôda a parte do mundo o outono é duma tristeza avassaladora. Em Portugal o outono tinge-se duma leve melancolia, que lembra um sorriso depois dumas lágrimas, derramadas num pequeno arrufo de namorados.

Os verdes dos campos são mais belos e mais fortes os seus tons, do que na primavera e no verão. As vinhas com as folhas avermelhadas dão à paisagem um tom quente, que nos faz esquecer que o inverno nos espreita.

Os lindos vales apenas nos dão a idea de que caminhamos para a má estação, porque de manhã e à tarde se envolvem na neblina, como umas belas espáduas nuas, numa «écharpe» de gaze.

E é tão doce no nosso clima abençoado, a passagem do outono para o inverno, que não damos quási pela melancolia que o envolve. E assim que se deve passar para o outono da vida, com a consciencia de que já se não é novo, mas com a suave alegria de saber aproveitar as alegrias que a vida ainda nos oferece e encarar com coragem as tristezas que nos podem ameaçar.

Este ano mais do que nunca o outono é uma estação intermediária. Que temporais, que chuvas, que desastres nos trará o inverno? Ninguém o sabe e todos o temem.

E no domínio da política internacional, que à mulher de hoje não pode deixar de interessar, porque felizmente já lá vai o tempo em que a mulher vivia alheada à vida, o que nos esperará?

Esta pregunta a que não é fácil responder, muitas a fazem, mas seja o que fôr compete-nos a tôdas esperá-lo serenamente, confiadas nos que nos governam e que têm sabido manter orgulhosamente levantado o nome de Portugal.

A mulher cabe manter desanuviada a atmosfera no lar. Compreendendo o que tem de extraordinàriamente séria a luta da barbaridade contra a civilização, é pela serenidade, pela ordem, pelo trabalho, que nós teremos tanto como o homem de combater, para opôr um dique aos que tudo querem arrazar, destruindo a sociedade, a família e a religião, oferecendo-nos em troca ideas utopistas de impossível realização, e de nenhum interêsse para aqueles que têm fé em Deus, amor aos seus e, disciplina social.

A mulher tem de encarar a seriedade do momento, sem terror e com energia, e tôdas devemos manter bem elevado o espírito de patriotismo e de nacionalismo. A mulher que tem filhos deve educá-los como patriotas e para uma mulher ser corajosa, não precisa de vir para a rua com armas na mão, como essas pobres raparigas desvairadas, que na vizinha Espanha têm embaraçado os movimentos dos marxistas com a sua falta de experiência das armas.

A coragem da mulher exerce-se no lar, no seio da família, no trabalho social que lhe incumbe desempenhar segundo o seu estado na sociedade.

E nos momentos graves da humanidade que a mulher pode e deve fazer sentir o seu valor. Em 1914 foi que a mulher belga e a mulher francesa ao verem as suas pátrias invadidas demonstraram o seu valor.

Mas não é ainda felizmente o momento de o demonstrar nesse sentido, êste suave outono de 1936 apenas nos incita a sermos boas portuguesas e a compreendermos tôda a extensão dos nossos deveres de mulher, pondo de parte frioleiras e futilidades e ocuparmo-nos muito a sério do bem de todos, fazendo-o dentro das nossas famílias e no meio que nos cerca.

A tôdas pertence o trabalhar mas às mãis, mais do que a ninguém, porque têm de incutir a seus filhos o amor da pátria e o espírito de sacrifício, que faz com que na vizinha Espanha um descendente do pretendente Carlista, dê a sua vida pela religião e pela pátria, que o expulsára do seu território.

Opôr com estas santas ideas, às tristes ideas, que fazem com que no estrangeiro, um punhado de renegados insulte o seu país. Dizem que são antigas as ideas que fazem dos homens herois de patriotismo, pois bem voltemos a essa antigüidade, retrogrademos até D. Filipa de Vilhena e que os moços de agora, que enfileiram na Mocidade Portuguesa, mantenham como os jóvens e heroicos filhos da grande portuguesa, a integridade da pátria e defendam os santos princípios da Religião, da Moral e da Família.

E que seja tão suave o inverno, com a coragem com que o afrontarmos como êste doce outono, que envolve os nossos vales e os nossos campos numa poalha de oiro.

Maria de Eça.

A moda

Em pleno inverno a moda obriga-nos a procurar o que nos dá confôrto e bem estar. A mulher hoje em dia veste segundo a hora e o propósito que têm. Nunca uma senhora sai de manhã para compras com o mesmo trajo com que faz visitas, ou quando sai a um chá, leva uma «toilette» de noite.

Isto é um assunto já muito debatido mas em que é necessário sempre insistir. Há em Portugal muitas senhoras que sabem vestir, não há dúvida nenhuma, e que rivalizam em graça e elegância com as parisienses.

Mas a mulher meridional tem um pouco a tendência para usar de manhã «toilettes» que só depois das 4 horas da tarde, se devem envergar.

Isto não se dá apenas com a mulher portuguesa, mas sim com tôdas as meridionais, como quem viaja vê, no sul da França, em Espanha e na Itália. Não é mau gôsto, mas sim a tendência para a «toilette» enfeitada, que tem o seu lugar bem marcado, e, que usada fóra de suas horas faz perder a elegância a quem a usa.

Para as saídas de manhã nesta quadra fria e em que as manhãs não convidam a grandes agasalhos, para se poder andar pois o «footing» é indespensável à higiene e à elegância esbelta do corpo feminino, temos vários modêlos da máxima simplicidade e elegância.

Um dêles é já muito visto, mas sempre graciosa fazenda «pied de poule». E' extraordinário como esta moda tem prolongado, e, como no princípio das estações reaparessem sempre modêlos nesta fazenda.

O vestido é completo saia lisa com uma «jaquete» ajustada ao corpo, abotoada à frente com botões de «galalit» em preto e branco, cinto do mesmo com fivela preta, a gola «écharpe» ata com um simples nó. Casaco três quartas com mangas «raglan» completa e torna muito confortável êste gracioso «ensemble», que com um chapelinho em feltro branco, com fita em «grosgrain» preta, faz uma deliciosa «toilette para uma rapariga nova. Temos uma outra «toilette» numa fazenda «tweed» também muito prática e bonita.

Compõe-se dum vestido inteiro abotoado até ao pescoço, com um cinto em camurça castanha, com fivela em aço. O casaco três quartos é guarnecido com uma tira em pele de «Kid». Feltro pequeno e castanho.

Para as manhãs de chuva uma graciosa capa que tem capuz em «tweed» com banho impermeável, em xadrez, usada com um vestido em jersey vermelho escuro e cinto em polimento. O chapeu é sempre um assunto importante em princípio de estação. Para «toilette» voltam a estar em moda os «paradis» e as guarnições.

Aqui temos um elegantíssimo chapeu em veludo preto guarnecido com um magnífico «paradis».

Para jantar um vestido em veludo preto e renda de côr crua Este vestido tem para as senhoras económicas e que gostam de fazer arranjos, a vantagem, de se prestar no aproveitamento dum vestido de veludo, que já não esteja na moda. As mangas com a guarnição em veludo são muito graciosas.

Para a noite um lindo vestido de Molyneux, em mousselina de seda preta com pastilhas em froco branco. Como abafo um «manteaux» curto em faille branco, com mangas duma alta elegância e grande novidade.

Estes «manteaux» são complemento obrigado das «toilettes» de noite, que sem êles não estão completas.

E assim temos completado o dia da elegante e as suas variadas «toilettes», que de hora para hora têm de variar. E' esta a escravidão da mulher «chic» ditadora da moda.

A moderna elegância

A elegância de cada época é marcada não só no vestuário, como no mobiliário e na maneira de guarnecer as casas, na literatura, na música e até na maneira de viver.

A nossa época é verdadeiramente uma época de transição, não sabemos para o quê, mas a verdade é que a elegância actual não está bem definida.

A moda tem-se inspirado nas modas passadas. Nos vestidos de noite, vemos, desde a moda grega das túnicas até à moda de 1900, uma reedição de tôdas as modas, salientando-se a tendência para o segundo Império. Não há, pode dizer-se, uma criação que marque a nossa época, que tenha até finalidade.

Nas casas depois de ter havido o delírio do despido, que chegava a dar a impressão de se viver em sanatório, começa a surgir uma pequena tendência para a guarnição e aparecem nas paredes quadros, retratos, que felizmente nos mostram que no mundo não há só enjeitados, e que as casas em que entramos, são habitadas por quem tem família e retratos de pessoas queridas.

Na literatura nota-se também um pouco de desequilíbrio, que não admira nesta época de choque de ideias, e, de aqui a cem anos quem ler os livros agora publicados dificilmente compreenderá a mentalidade e a sentimentalidade de agora.

Não temos uma unidade de pensamento, como houve no romantismo, nem o sentimento que então demasiadamente se manifestava. Na literatura, como em tudo, marca um certo desprendimento por tudo o que é espiritual e um verdadeiro culto pela materialidade.

A moderna elegância não está ainda bem definida, é um misto de várias coisas, e o que é hoje elegante, teria sido chocante há trinta anos, como naturalmente, o será para nós, se vivessemos, a elegância de aqui a trinta anos. A elegância é qualquer coisa de requintado, de superior, que tende talvez a desaparecer, dum mundo excessivamente materialisado e desportivo. A preocupação do desenvolvimento dos músculos mata a gracilidade das formas.

Higiene e beleza

O penteado readquiriu os seus direitos. Foi escorraçado durante anos, da estética feminina. O cabelo foi sacrificado no altar da moda. Chegou a quasi a ser desprezado, muito cortado, seguro com fixador, pedia-se lhe apenas que tomasse o menos espaço possível.

Isso já passou felizmente e a mulher recomeçou a ter todo o cuidado com um dos seus mais belos ornamentos: o cabelo. Uma bela cabeleira voltou a ser uma das belezas da mulher e o cabelo comprido não é já uma excepção duma original, é vulgar e corrente, uma das coisas que muito influe na beleza do cabelo é a maneira de fazer a lavagem.

Nem tôdas as «shampooings» são salutares para o cabelo. Os cabelos com gordura devem ser lavados com o seguinte «shampooing» uma cocção de raspas de Quillaya, 150 gramas; Carbonato de soda, 10 gramas; Agua destilada, 500 gramas.

Para os cabelos secos: Quillaya, 30 gramas; Agua distilada, 500 gramas; em seguida juntar: Oleo de cedro, 3 gramas; Oleo de cadum, 5 gramas: Oleo de rícino, 20 gramas. Fica lindo o cabelo assim tratado.

De mulher para mulher

Marieta: Por todo o nosso Portugal há senhoras que vivem todo o ano nas suas casas da aldeia e não se consideram por isso, infelizes. Em tôda a parte se é feliz, com a consciência tranquila e sabendo aproveitar o tempo. O seu noivo tem muita razão em não querer abandonar o que lhe pertence. Faça o vestido em setim e com a cauda separada, são mais elegantes.

Alda: Tem a sua m i muita razão, uma rapariga da sua idade não vai só ao cinema nem mesmo às «matinées». E mal visto, vá com alguém de família. Não compreendo êsse desejo de ir só ao cinema, é sempre aborrecido não ter com quem comunicar impressões. Leia os livros de Júlio Diniz.

Desiludida: Perscrute bem a sua consciência e veja se essas desilusões não terão origem na sua maneira de ser. O homem que casa gosta de encontrar conchêgo no lar, confôrto, ficar umas noites por outras em casa e ver a sua mulher satisfeita, conversando alegremente. Essa vida de sair tôdas as noites é a que fazia em solteiro e que lhe não pode agradar.

Convença-se que ninguém se casa para se divertir e que a mulher quando o faz é para se dedicar ao lar e ao marido.

Receitas de cozinha

Marrons glacés: Um quilo de castanhas, 500 gramas de açúcar e uma vagem grande de baunilha. Cozem-se as castanhas sem casca, em água e sal. Depois de cozidas descascam se e pisam-se num almofariz. O açúcar derrete-se em pouca água com a baunilha partida aos pedaços.

Antes de tomar ponto tira-se a baunilha que se espreme bem num coador fino para largar o perfume e deita-se as castanhas pisadas no açúcar.

Mexe-se bem desencaroçando-a sempre com a colher de pau. Está pronto quando juntando a massa tôda num lado da caçarola, esta não corre e fica tôda ligada.

Num taboleiro ou numa travessa espalha-se a massa em pequenas porções do tamanho aproximado de castanhas sem casca. Quando estão bem frias enrolam-se na palma da mão e embrulham-se em papel de prata.

NUM grupo de boémios, entre os quais se achava uma criança de seis anos, filho de um deles, falava-se de habilidades, de fôrças e ligeireza.

Contavam-se proezas acontecidas e o mais Tartarin de todos, vendo uma barrica de cimento no meio da rua, exclamou:

— Aposto, em como sou capaz de saltar esta barrica, a pés juntos!

O pai do pequeno, achando aquilo uma verdadeira basofia do companheiro, respondeu:

— Está apostada uma libra. Salta lá. Sempre te quero vêr quebrar o nariz.

Então, quando o Tartarin se aprontava para dar o pulo, ouviu-se a voz do pequeno clamar:

— Ó papá, ó papá, não aposte, porque Tartarin, por uma libra, salta tudo!...

■

— Porque é que o senhor não foi ontem ao baile da condessa?

— Abstive-me de lá ir por um motivo todo pessoal e muito importante.

— Pode saber-se qual foi?

— Digo a V. Ex.ª, se me promete um segrêdo absoluto.

— Prometo.

— Pois bem! A verdade é... que não tive convite!

■

Um saloio da Malveira mandou servir como criada, numa casa de Lisboa, uma sua filha ainda nova, mas que já estava muito desdentada.

Passados anos, a rapariga, a conselho dos patrões, mandou pôr uma dentadura postiça.

Indo à Malveira de visita à família, o pai, ao vê-la, exclamou para a mulher, cheio de convicção:

— Ó Maria: Lisboa é tão boa terra que até lá nascem os dentes às pessoas crescidas!...

■

Um frenólogo, ao examinar o crânio de um cliente declarou apontando para uma bossa:

— Esta bossa indica que o senhor tem uma grande quéda para a música.

— É exacto: êsse "galo„ fi-lo caíndo contra um piano.

■

— Aqui, onde me vê, já entrei um dia numa jaula de leões.

— E não teve mêdo?

— Mêdo! De quê? Os leões já lá não estavam...

■

— Ó mamã, o que é uma hiena?

— É um animal muito feio e muito feroz.

— Então porque é que o papá, sempre que se refere à avó, diz que ela é uma hiena?

Uma pobre mulher, indo aviar uma receita, reparou que o farmaceutico pesava meticulosamente dois centigramas de estriquinina, segundo a indicação médica.

— Não seja tão miserável — suplicava ela — mande isso bem pesado que é para uma pessoa muito pobre.

OS CINCO SENTIDOS

CHEIRAR GOSTAR

VÊR OUVIR

APALPAR

Um indivíduo, ao ir buscar o sobretudo e o chapéu que deixara no vestiário dum teatro, exige o que lhe pertence sem qualquer esclarecimento.

— É necessária a chapa numerada que dei a V. Ex.ª — declara o empregado, com tôda a paciência.

— Procure-a no bolso do meu sobretudo. Foi lá que eu a guardei para que não se perdesse.

■

— Ó Silvestre!... para onde vais tu, a correr com tôda essa pressa?

— Deixa-me, homem!... Vou para o entêrro do meu chefe. Bem sabes quanto êle se preocupava com a nossa pontualidade.

■

Um indivíduo, tendo comprado uma secretária magnífica, meteu-lhe nas gavetas todos os valores que possuía. Como alguém lhe notasse que deixava as chaves nas respectivas fechaduras, declarava:

— Tomo as minhas precauções. Se vierem os gatunos assaltar-me a casa, não precisam de estropiar êste riquíssimo movel!

■

— Ó papá, os selvagens não usam relógio?

— Não, meu filho.

— Então como sabem êles as horas?

— Contam pelos dedos.

■

— Fôste ao entêrro do Silveira? — preguntaram a um velho frequentador de teatros, no dia seguinte ao funeral dum conhecido empresário.

— Fui, mas não fiz nenhum turno. Calcula tu que, nem depois de morto, lhe consegui apanhar uma "borla„!...

■

A senhora para a criada:

— Como é que fugiu o canário, estando a gaiola fechada?

— Fui eu que a deixei aberta.

— E porque fez isso?

— Para arejar, visto começar a ter mau cheiro.

■

Á passagem dum luxuosíssimo funeral, um dos mirones pregunta a outro:

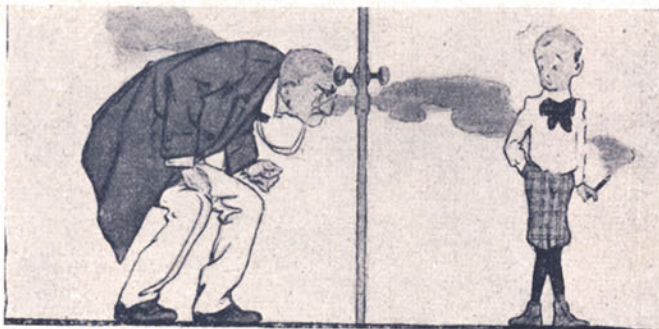
— Sabe dizer-me quem é o morto?

— Não sei ao certo. No entanto, calculo que deve ser o que vai no carro da frente.

■

Uma senhora, tendo colocado uma dentadura postiça, regressou ao dentista a reclamar, visto não poder suportá-la.

— Esta dentadura causa-me dores horríveis! Não sei como o senhor fez isto.

— Isso prova que ficou tão perfeita como a natural que lhe arranquei... Pois se até lhe doi!

FACTOS E NOTÍCIAS

Neves da Costa. — O ponderado autor de obras de fôlego em que se preconizam as soluções corporativas, ingressa agora no campo histórico, apresentado um grosso volume que intitulou «A traição de Gomes Freire». O título arrepia, mas, em face dos documentos apresentados, só nos resta estudá-los com imparcialidade, e apurarmos a verdade que encerram. Não basta acusar, é necessário provar. Eis o que vamos verificar no terrível libelo acusatório que nos apresentam

Maurício de Oliveira. — Maurício de Oliveira, o propagandista maximo da «Armada Gloriosa» que ainda há pouco concluiu em obra monumental, não descansa. Aproveitando a monção, acaba de publicar «A tragédia hespanhola no mar» em que são fornecidas as mais exactas informações sôbre os efectivos das esquadras em lutas e os mais formidáveis lances dos encarniçados combates travados entre os nacionalistas e os governamentais da nação visinha

Antero de Figueiredo. — «Fátima» é o novo livro do grande escritor Dr. Antero de Figueiredo. Nesta obra grandiosa que só o consagrado autor da «Senhora do Amparo» e do «Ultimo olhar de Jesus» poderia escrever, passa a Vidente de Fátima, a expatriada Lúcia, tal qual como é. Do êxito desta obra poderá avaliar-se, sabendo-se que em cinco dias se esgotaram três edições

A organização corporativa do Estado Novo continúa a sua função reformadora. A nossa gravura apresenta o cortejo realizado em Matozinhos por ocasião das solenes cerimónias da assinatura dos contratos colectivos de trabalho em benefício dos conserveiros e dos operários da construção naval e dos barqueiros e fragateiros do distrito do Porto. — A' direita: O almirante Castro Ferreira com o corpo docente da nova Escola Naval, no Alfeite. A nossa nova Academia de Marinha, instalada a rigor, entrou em funcionamento. O ilustre marinheiro encerrou o seu discurso com estas palavras: « — Como director e como almirante, prestes a abandonar a carreira no activo, desejo-vos uma vida brilhante ao serviço da Pátria e da Armada!»

Missa de sufrágio, na Igreja dos Mártires, por alma dos príncipes D. Afonso Carlos de Bourbon e D. Carlos de Borbon e Orleans. A colónia espanhola encontrava-se largamente representada. A nossa gravura apresenta o catafalco simbólico vendo-se à direita o sr. conselheiro Azevedo Coutinho que que representava o sr.. D. Duarte Nuno de Bragança. — A' direita: Os concorerntes do torneio de «Ping-Pong» do Club Colombófila. A' frente encontram-se as equipas do Sporting e do Benfica, sendo esta última a vencedora do torneio

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado e Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios.

APURAMENTO GERAL DO ANO DE 1935

Resumo das produções publicadas: Mefistofélicas, 72; metagramas, 3; novíssimas, 171; sincopadas, 179; logogrifos, 13; enigmas em verso, 32; enigmas figurados, 21; enigmas pitorescos, 3. Total – *494*.

Produtores: Aço, 4; Africanista, 6; Alfa & Ómega, 3; Anastácio, 3; Anibal Ortiz Martins, 2; Antolino, 5; Augusbelo, 5; Augusta Vitória, 5; Avlis Yur, 6; Bad Ahmed, 1; Bèbé, 5; Bisnau, 10; Braz Cadunha, 8; Carlos Elmano, 1; Chim Pan Zé, 1; Conquistador, 2; Dama Negra, 8; Deka, 5; D. Aurora, 1; D. Campeador, 1; Doridófles, 4; Dr. Ferol, 2; Dr. Sinal, 1; Efonsa, 16; El-Rei Gomos V, 1; Eu & Outro, 1; Ferjobatos, 12; Fernambelo, 3; Filho d'Algo, 2; Frei Satanaz, 3; Galhardo, 3; Gigantezinho, 5; Gisita, 5; Hary, 2; Henriqueta, 1; Infante, 1; Ivanoff, 1; Jobema, 7; John Biffe, 9; José Tavares, 8; Júlio César, 7; Kábula, 11; Leinad, 1; Leirbag, 3; Lengueluca, 4; Lérias, 13; Lord X, 6; Magnate, 24; Maria Helena, 1; Maria Luiza, 9; Márius, 4; Micles de Tricles, 13; Milecas, 1; Mimi Bárcia, 3; Miquita, 1; Miriam, 1; Mirones, 1; Miss Diabo, 2; Mister Anão, 1; Miúdo & Graúdo, 7; Moreninha, 3; Nèné, 5; Olegna, 9; Olho de Lince, 10; Padre Matos, 4; Papo Sêco, 1; Pinoca, 2; Piolim, 4; Pobre Marreco, 2; Raku, 1; Rás Kassa, 1; Rei do Sêbo, 1; Rei Jhá, 3; Reinadio, 9; Rei Pavor, 3; Repórter Fatal, 1; Rogério Gômes Cunha Correia, 3; Sileno, 6; Silva Lima, 2; Só Darco, 4; Só Darco Jr., 5; Sodargil, 1; Só-Na-Fer, 5; Sonhador, 1; Sopmac, 4; Stop, 1; Ti-Beado, 61; Tino de Óbidos, 4; To-My, 1; Trombone de Varas, 1; Ulsi Ráfer, 1; Valério, 5; Veiga, 18; Vidalegre, 12; Vina, 1; Visconde da Relva, 1; Vítor Pinto Pinheiro, 4; V. Lilás, 3; Xave Ier, 1; Xicantunes, 3; Zé das Hóstias, 4; Zé Nabo, 1. Total – *494*.

Decifradores: Cantante & C.ª, 494; Frá-Diávolo, 494; Gigantezinho, 494; José da Cunha, 494; Alfa-Romeo, 493; Fan-Tan, 491; Ti-Beado, 450; Só Lemos, 405; Só-Na-Fer, 393; Salustiano, 395; Rei Luso, 391; Sonhador, 370; Lamas & Silva, 307; João Tavares Pereira, 304; Magnate, 304; Salustiano II, 274; Kábula, 262; D. Dina, 224; Lisbon Syl, 202; Aldeão, 187; Silva Lima, 106; Efonsa, 31.

Classificação dos Decifradores: Totalistas – Cantante & C.ª, Fra-Diávolo, Gigantezinho, José da Cunha; 90 % ou mais — Alfa-Romeo, Fan-Tan; 75 % ou mais — Ti-Beado, Só-Lemos, Só Na-Fer, Salustiano, Rei Luso, Sonhador; 50 % ou mais — Lamas & Silva, João Tavares Pereira, Magnate, Salustiano II, Kábula; 25 % ou mais — D. Dina, Lisbon Syl, Aldeão.

Classificação dos Produtores — Com Quadros de Distinção: Braz Cadunha, 5 Quadros de Distinção; Dama Negra, 2; Efonsa, 2; Jobema, 2; Mimi Bárcia, 2; Olegna, 2; Sileno, 2; Vidalegre, 2; Dr. Sinal, 1; Magnate, 1; Veiga, 1; Zé das Hóstias, 1; Zé Nabo, 1.

Com Quadros de Consolação: Sileno, 4 Quadros de Consolação; Braz Cadunha, 2; Dama Negra, 2; Efonsa, 2; Magante, 2; Olegna, 2; Bisnau, 1; El-Rei Gomos V, 1; Frei Satanaz, 1; Kábula, 1; Lérias, 1; Micles de Tricles, 1; Olho de Lince, 1; Stop, 1; Vina, 1; Zé das Hóstias, 1.

Outras Distinções: Veiga, Efonsa, Jobema, Micles de Tricles, Bisnau, Olegna, Olho de Lince, Anastácio, Augusta Vitória, Bèbé, Braz Cadunha, Dr. Ferol, Eu & Outro, Ferjobatos, Henriqueta, José Tavares, Magnate, Maria Luiza, Miss Diabo, Reinadio, Só Darco Jr, Trombone de Varas, Valério.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 70

Nota: A organização dêstes apuramentos deve-se, mais uma vez, à comprovada gentileza do nosso amigo e distinto confrade *Ti-Beado*, de Luanda.
Como já se disse quando da publicação dos apuramentos relativos a 1934, a inserção dêste trabalho faz-se únicamente a título de curiosidade.

APURAMENTOS

N.º 61

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ELSA
N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Filho d'Algo; n.º 13, Mad Ira; n.º 16, Yzinha; n.º 17, José Tavares.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Rei Mora, 19. — Capitão Terror, 19. — Salustiano, 18 — Rei Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Ti-Beado, 16. – Só Lemos, 14. – Sonhador, 14. — João Tavares Pereira, 14. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 12. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. – D. Dina, 8. – Lisbon Syl, 7. – Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 – Pato-tola-patola. 2 – Manda-Dora-mandora. 3 – Flôres-testa-floresta. 4 – Amorosa. 5 – Compadre 6 – Apoiado. 7 – Quebrada queda. 8 – Dolente-dote. 9 – Pindonga-pinga. 10 – Arenga-agá. 11 — Aia-o-ão. 12 – Apuridar-se. 13 – Arca-cano-arcano. 14 – *Mágoa*. 15 – *Pecado*. 16 – Nana. 17 – Pélago-pego. 18 - Fumeiro-furo. 19 - Lidado-lido. 20 — Já no mar, já na terra.

TRABALHOS DESENHADOS

11) ENIGMA PITORESCO

Biscaia – Alb.-a-Velha — *Quim Mosquito*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Um *decalitro qualquer* bebe, quanto mais uma *dezena*... (2-2) 3.
Lisboa — *Liliana*

2) Ó minha *cunhada: não* quero comprar o *rebanho de gado graúdo* que herdaste. (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

3) Houve *cilada na direcção*... 2-1.
Lisboa — *Lisbon Syl*

4 Dentro duma *vala*, ou duma *banheira*, aprecia-se mais uma *ária curta*. 2-2.
Luanda — *Ti-Beado*

5 *Um tanto* de mau *humor*, vibrei-lhe uma *facada*. 2-2.
Lisboa — *Zé da Burra*

SINCOPADAS

6) *Patife!* o teu *destino* está na ponta duma navalha. 3-2.
Lisboa — *Moreninha*

7) Comprei uns *sapatos a-fim-de* não andar descalço. 3-2.
Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

8) Se no feminino
É *ova leitosa*
É muito gostosa,
É no masculino
Um *matrimónio*
Só do demónio.
No aumentativo
É *bac'ro que mama*
E que não quer' cama.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

9) Charadistas camaradas
Do chamado sexo fraco
Deixai agora as charadas
Que não valem um pataco,

À vista do importante
Caso que vou relatar:
Sou homem fino, elegante,
Pretendo agora casar!

Não sinto *pejo* em dizer — 3
Meu desejo, porque, emfim,
Por casar estou a morrer...
Qual de vós me dá o sim?

Sou charadista de fama,
Tenho «massa» com fartura,
E o meu coração derrama
Só amor e só doçura...

Sòmente para casar — 1
Tenho um ponto a resolver:
Há de tudo no meu lar,
Falta apenas a mulher!...

Tímido por natureza,
Meu coração não consente
Que eu possa usar da franqueza
De pedir directamente...

Quem quiser para marido
Este rico charadista
Deve fazer o pedido
Depressa para a Revista.

Lisboa — *D. Trovador*

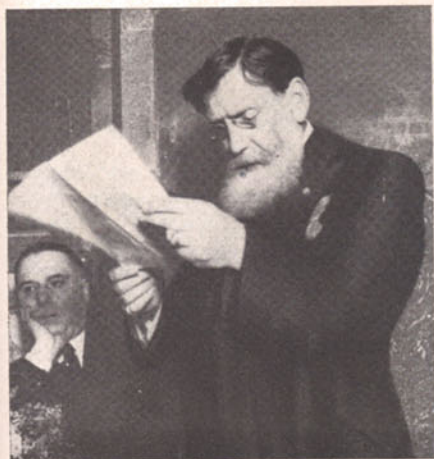
SINCOPADA

10) *Vão* desejo a sorte grande,
Que não me sai nunca mais!
Cada vez mais *falto* ando
De bastantes cabedais... — 3-2

Lisboa — *Moreninha*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Na Academia das Ciências foi evocada a figura imortal de Rui Barbosa, tendo o insigne escritor dr. Júlio Dantas, que presidiu à sessão, traçado o perfil do glorioso brasileiro que, no conceito de Sílvio Romero, foi «o maior génio verbal da raça». O eminente académico, com dominadora e fulgurante eloqüência, classificou Rui Barbosa de «verdadeiro Proteu intelectual, semi-deus da palavra falada e escrita que animou com a pura chama da eloquência as tribunas parlamentar e forense do seu país». Em seguida, o sr. dr. Queiróz Veloso fez o elogio do grande brasileiro — A' direita: Uma homenagem da Câmara Municipal de Lisboa ao dr. Manuel de Arriaga. A gravura representa a família do antigo Presidente da República, com o presidente da Câmara e o pintor Abel Manta, junto do retrato do dr. Manuel de Arriaga, após o seu descerramento

Revestiu a maior solenidade a cerimónia do jubileu do grande escultor Teeixeira Lopes, realizada no Pôrto A nossa gravura apresenta o insigne artista lendo o seu discurso de agradecimento em que evocou a sua vida de mais de meio século de trabalho pela Arte. — A' direita: Grupo de senhoras que fez o peditório para os cancerosos pobres na freguesia das Mercês, verificando-se com prazer que o povo de Lisboa acolheu com a maior simpatia esta benemérita cruzada

Almoço oferecido pelo «Foyer» dos Antigos Combatentes Franceses e Belgas à Comissão dos Padrões da Grande Guerra. A nossa gravura apresenta um aspecto da assistencia. — A maqueta aprovada do monumento a Mousinho de Albuquerque, vendo-se o sr. Presidente da República, ministros das Colónias e Educação Nacional, examinando o projecto do escultor Simões de Almeida e do arquitecto António do Couto, que ficou classificado em 1.o lugar. A idéia dos artistas foi plenamente realizada. A estátua apresenta linhas harmónicas e recórte clássico, tornando-se, portanto, digna do glorioso português que soube honrar a Pátria nas adustas paragens africanas

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 10, 5.
Copas — D. V. 9, 3.
Ouros — D. 10, 7.
Paus — D. 4.

Espadas — 2.	N	Espadas — A. D. 9, 6.
Copas — 8, 5, 4.	O E	Copas — 6.
Ouros — 9, 4, 3, 2.		Ouros — A, V. 8.
Paus - V. 9, 8, 7.	S	Paus — A. 10, 6, 5.

Espadas — 7.
Copas — A. R. 10, 7, 2.
Ouros — R. 6, 5.
Paus — R. 3, 2.

Trunfo é copas. *S* joga e faz 9 vasas.

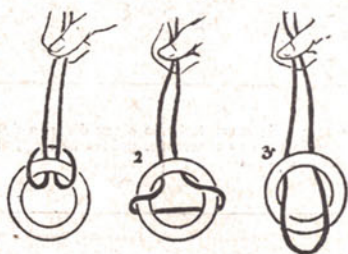
(Solução do número anterior)

O joga a Dama de paus, *N* o Rei de paus.

N joga o Az de ouros, *S* balda se ao 10 de espadas.

N joga a Dama de ouros que *S* corta com o 8 de copas e joga Az, Rei e Valete de paus, baldando-se *N* ao valete de ouros.

S joga o Valete de espadas e *N* toma a mão com Az de espadas e joga a Dama de copas, baldando-se *S* à Dama de espadas libertando as espadas de *N*.

Habilidade fácil

Ata-se um pedaço de cordel a uma argola como no primeiro desenho e puxando fortemente aquele, dão se as suas duas estremidades a segurar a alguém. Comprometemo-nos, então, a soltar a argola do cordel mantendo seguras as duas pontas. Isto parece um tanto esquisito, de repente, mas basta olhar para os outros dois desenhos para vêr como e com quanta facilidade se faz.

É alargar a azelha e faze-la passar por trás da argola como na gravura 2. Poder se-há imediatamente soltar esta do cordel como na gravura 3. Nada mais simples.

Um Sherlock Holmes americano

. chefe de polícia de Tewksbury, Massachussets, Mr. Cyril Barker, notou que, durante três semanas de frio intenso, certo rio da sua jurisdição era o único que não havia gelado. Quando observou que os peixes nadavam com desusada rapidez no dito rio, redobraram as supeitas que já tinha.

Mandou analisar a água por um químico e descobriu-se que ela continha alcool. O chefe da polícia seguiu, então, o curso do rio até à nascente e descobriu ali uma fábrica de distilação clandestina em pleno funcionamento.

Que objecto será?

(Passatempo)

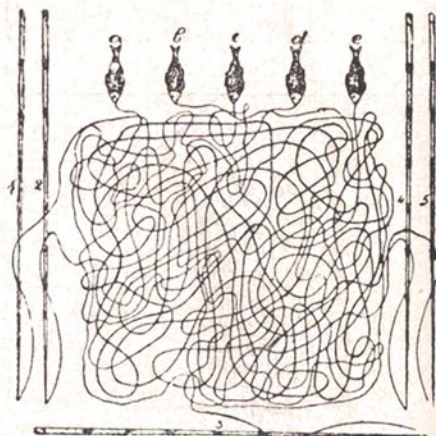
No meio destas sete manchas negras que aqui se vêem está escondido um objecto que não é nenhuma coisa extravagante mas sim até de uso muito vulgar, principalmente nas adegas, cozinhas, farmácias e laboratórios de fotografia.

A única dificuldade que há para o encontrar, consiste em mudar a posição das manchas negras. Se se lhes der outra, diversa daquela em que estão, e forem colocados na sua forma devida, em breve se verá aparecer, no meio delas, o objecto que se procura.

Origem da palavra saloio

Quando D. Afonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros, por não despovoar a terra, deixou-os ficar de posse dos seus bens e casas, impondo-lhes certos tributos. Este benefício e tolerância, que a política e a humanidade aconselhavam, estendeu se aos lugares circunvizinhos da cidade. Esta foi logo aumentando em população cristã, que em si absorveu a raça mourisca pelo decurso dos tempos, o que não era tão fácil no campo. Dizem que a êstes mouros dos arredores davam antigamente o nome de *Çaloyos* ou *Saloios*, tirado do título da reza que repetem cinco vezes no dia, chamado *çala*. Ficou subsistindo o nome, ainda depois de povoados êsses lugares por cristãos; e talvez da mesma origem proviesse um antigo tributo que se pagava do pão cosido em Lisboa e seu termo, e que era conhecido pela denominação de *çalayo*.

Os peixes e as canas

(Problema)

Estão aqui cinco peixes e cinco canas. Na extremidade destas cinco canas e conforme a regra, temos a linha de seda à qual está preso um dos cinco peixes.

Como se vê, as linhas estão embaraçadas umas nas outras; a solução do problema consiste simplesmente em descobrir qual é a linha mais comprida.

As canas estão numeradas 1, 2, 3, 4, 5 e os peixes marcados A, B, C, D, E.

Tomando precauções

Certo dia, estando Cornelio Vanderbilt no seu escritório, apresentou-se lhe o filho de um seu antigo amigo e disse lhe:

— Sr. Vanderbilt, estou arruinado e tenho de pagar uma dívida de jôgo. Empreste-me dez mil *dollars* ou faço saltar os miolos neste mesmo instante.

Vanderbilt pegou na pena e pôs-se a escrever.

— O meu estratagema deu resultado - pensou o rapaz. — Está preenchendo o cheque...

— Tome — disse o banqueiro. Faça favor de assinar isto. Convém tomar tôdas as precauções. Depois, pode matar-se, se quizer.

O papel dizia o seguinte:

«Eu, abaixo assinado, declaro que me suicidei voluntariamente no escritório do sr. Cornelio Vanderbilt. Escrevo isto para que o dito senhor não seja incomodado.»

O pretenso suicida retirou-se furioso, e desapontado chamando Harpagão ao milionário

— Oro, o que vem a ser isto! Vem a ser a Joaquina que não quiz que eu a ajudasse a bater as claras do pudim.

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo . . . 10$00
Cada vol., brochado. . . . . 120$00
„ „ encadernado em percalina . . . 160$00
„ „ „ „ carneira . . . 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

O·MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa